



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAGED

CURSO DE PEDAGOGIA

MARILDES CALDEIRA DE OLIVEIRA

**LETRAMENTO DIGITAL: HÁBITOS E PRÁTICAS DE
LEITURA/ESCRITA NA INTERNET**

Salvador

2009

MARILDES CALDEIRA DE OLIVEIRA

**LETRAMENTO DIGITAL: HÁBITOS E PRÁTICAS DE
LEITURA/ESCRITA NA INTERNET**

Monografia apresentada ao Colegiado de
Pedagogia da Faculdade de Educação -
Universidade Federal da Bahia, como
requisito para conclusão do Curso de
Pedagogia.

Orientador: Edvaldo Souza Couto

Salvador

2009

TERMO DE APROVAÇÃO

MARILDES CALDEIRA DE OLIVEIRA

LETRAMENTO DIGITAL: HÁBITOS E PRÁTICAS DE LEITURA/ESCRITA NA INTERNET

Monografia apresentada ao Colegiado de Pedagogia da Faculdade de Educação,
Universidade Federal da Bahia, como requisito para conclusão do Curso de
Pedagogia, pela seguinte banca examinadora:

Edvaldo Souza Couto - Orientador _____
Doutor em Educação, Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP
Universidade Federal da Bahia

José Américo Santos Menezes _____
Mestre em Educação, Universidade Federal de Sergipe, UFS
Doutorando, Universidade Federal da Bahia, UFBA

José Romilson Gomes do Nascimento _____
Mestre em Educação, Universidade Federal da Bahia, UFBA

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, pela vida, pela força, e por ter me concedido paz e discernimento nos momentos de escrita.

Aos meus pais, Manoel Messias de Oliveira Filho e Iraildes Silva Caldeira, sem eles a realização deste sonho não seria possível. Amo vocês.

Aos meus irmãos, Carlos Messias, Miraildes e Miranildes, pelo apoio demonstrado nos momentos difíceis da construção deste trabalho.

A Paulo Sergio Novaes, pelo companheirismo e paciência durante esses meses de produção.

Ao meu orientador, Edvaldo Souza Couto, por me 'iniciar' na pesquisa acadêmica, o que resultou no desejo por este tema. Agradeço pela oportunidade de aprendizado, pela orientação segura, pela revisão cuidadosa e dicas de conteúdo que puderam enriquecer este trabalho.

Aos membros do Grupo de Pesquisa em Educação, Comunicação e Tecnologias (GEC) que me acolheram com muito carinho. Um agradecimento especial para aqueles que se disponibilizaram a responder o questionário para a construção desse estudo.

A Tânia Torres, pelo apoio e pelo bom nível de alfabetização digital, em que recorri muitas vezes.

A Iandeci Lima Bonfim, pela rica contribuição na tabulação dos dados do questionário.

Aos professores da FAGED, que me oportunizaram grandes aprendizagens.

Aos colegas de Curso, pelo convívio, pela amizade e, principalmente, pela riqueza na troca de experiências vividas.

Por ter conseguido dominar um pouco das linguagens computacionais, por ter me transformado em um leitor/autor/navegador, estabelecendo uma relação produtiva na rede, estou convencida de que as conquistas feitas e que estão rapidamente se fazendo para o mundo virtual podem contribuir, em muito, para a melhoria da educação brasileira, para a formação dos professores e dos estudantes.

MARILDES CALDEIRA DE OLIVEIRA

RESUMO

Esta pesquisa monográfica aborda o estudo sobre letramento digital. Visa compreender os hábitos e as práticas de leitura/escrita de livros/textos em versão eletrônica dos participantes do GEC - Grupo de Pesquisa em Educação, Comunicação e Tecnologias da FAGED-UFBA. Pretende analisar os usos e comportamentos possibilitados por essas experiências, assim como perceber as possíveis vantagens e desvantagens do suporte eletrônico. O estudo contou com uma abordagem teórica dos principais autores que investigam os modos de ser, ler e escrever na cibercultura e de uma pesquisa empírica, por meio de questionário online semi-estruturado, com participantes do grupo de pesquisa. Os resultados desse estudo mostram que a escrita praticamente já se tornou digital e que a leitura também está tomando o mesmo rumo. Passou-se a ler e a escrever mais intensamente com a internet. No entanto, percebemos que o apego cultural aos objetos materiais do escrito ainda imperam, mesmo num grupo de pessoas que se pode considerar de bom nível de letramento digital. Tal constatação é acompanhada de uma outra: a de que textos impressos e digitais poderão conviver ainda por muitos anos.

Palavras chaves: Letramento. Letramento digital. Leitura/Escrita. Internet. Educação e Tecnologias.

SUMÁRIO

RESUMO	6
INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I	
1 LETRAMENTO DIGITAL	12
1.1 ORIGEM E CONCEITOS DO LETRAMENTO	12
1.2 LETRAMENTO DIGITAL	21
1.3 LETRAMENTO DIGITAL E SOFTWARE LIVRE	26
CAPÍTULO II	
2 USOS DOS LIVROS/TEXTOS DIGITAIS	30
2.1 O ESCRITO E A HUMANIDADE	30
2.2 LEITURA/ESCRITA DIGITAL	32
2.3 VANTAGENS E DESVANTAGENS DA LEITURA E ESCRITA DIGITAIS	38
2.4 OS APARELHOS DE LEITURA DIGITAL	46
CAPÍTULO III	
3 CIBERLEITORES E CIBERAUTORES E SUAS EXPERIÊNCIAS DE LETRAMENTO DIGITAL	54
3.1 A PESQUISA	54
3.2 ANÁLISE DOS RESULTADOS	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS	70
ANEXOS	76

INTRODUÇÃO

Os avanços tecnológicos certamente vêm causando mudanças significativas no ser humano e em toda a sociedade. Atualmente, com o forte desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e o intenso uso da rede internet, são inaugurados novos modos de gerir a informação, de produzir conhecimentos e estabelecer relações sócio-culturais. Vivemos a chamada “sociedade em rede” (CASTELLS, 1999), estejamos ou não conectados aos computadores e à internet. Os indivíduos, a cada dia, tornam-se mais envolvidos em um ambiente tecnológico e, de certa maneira, o que se observa é uma alteração nas suas formas de pensar, sentir e de agir no mundo.

As tecnologias apresentam um quadro de transformações que extrapola os modelos clássicos de comunicação, assim como os valores atribuídos a eles. Grandes alterações estão sendo implementadas nos procedimentos de produção, transmissão e uso do conhecimento, dissociando-os dos suportes tradicionais, como livros impressos, periódicos e jornais. Publicações eletrônicas têm oferecido outros suportes e possibilidades de acesso que priorizam a velocidade, a interatividade e a criação coletiva, nos quais a relação entre autores, leitores, editores, bibliotecas e livrarias torna-se menos precisa e está em constante transformação. Essas produções digitais afetam tanto as condições do texto impresso, como também a forma de leitura, criando novas relações com os escritos.

As TIC estão criando os sinais que começam a redefinir o que virão a ser nos novos tempos a informação e comunicação, bem como a cultura e os comportamentos que estas oportunizarão. Por séculos a palavra escrita foi acessada apenas por uma minoria muito restrita, mesmo com o surgimento do livro impresso, o que favoreceu a velocidade de produção e ampliação da informação. Poucos tinham acesso ao conhecimento, seja pelo alto índice de analfabetismo, ou pelo alto custo dos livros ou até mesmo pela falta de incentivo à leitura. Hoje com os textos/livros digitais, temos as mesmas ofertas

de ampliação da circulação e da velocidade, só que em novas proporções. Se a imprensa possibilitou um maior acesso à informação, as mídias digitais em pouco tempo estão provocando uma explosão de conhecimento, ocasionando transformações aceleradas em diversas estâncias da vida.

É com base nesse contexto que foi desenvolvido esse estudo monográfico. À medida que me aproximei da pesquisa desenvolvida enquanto bolsista de Iniciação Científica (PIBIC) - que visava analisar os usos, possibilidades e limites do livro eletrônico, assim como os hábitos de leitura e escrita digitais - venci a fase do estranhamento e da resistência, busquei potencializar esses usos no meu cotidiano, o que causou inquietações e questionamentos. Outro fator importante para o desenvolvimento desse trabalho foi a minha inserção no Grupo de Pesquisa em Educação, Comunicação e Tecnologia (GEC – FACED-UFBA) que somou na qualidade da minha formação enquanto estudante de Educação e pesquisadora, principalmente ampliando a visão sobre as tecnologias. A partir disso, houve o desejo de estudar o fenômeno do letramento digital. Entender como a mente humana responde a esses novos estímulos e buscar identificar quais as novas habilidades necessárias para o desenvolvimento da leitura/escrita competente no ambiente digital. Surgiu então o interesse em estudar os hábitos e as práticas de produção da leitura e da escrita digitais por parte dos componentes do GEC, pois havia ali um grupo de pessoas envolvidas com pesquisas relacionadas com as tecnologias, portanto, inseridas na cultura digital.

O grupo de pesquisa em Educação, Comunicação e Tecnologias (GEC)¹ nasceu em 1994, criado pelo Professor Nelson de Luca Pretto, com o intuito de implantar uma linha de estudos articulada com as dimensões de ensino e extensão, pretendendo problematizar a presença de tecnologias da informação e comunicação na educação. Este grupo de pesquisa está ligado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia, vinculado à linha de pesquisa Currículo e (In) Formação, que estuda as relações entre currículo, trabalho, conhecimento, cultura e comunicação nos seus aspectos epistemológicos, históricos, sócio-políticos, institucionais, tendo a prática

¹

<http://www.twiki.ufba.br/twiki/bin/view/GEC/WebHome>

educacional como base instituinte. O GEC estuda a presença das tecnologias na educação, buscando a disseminação do uso dessas tecnologias na perspectiva estruturante e condizente com as características da cibercultura. O seu quadro de integrantes conta com três professores doutores – Nelson Pretto, Edvaldo Souza Couto e Maria Helena Bonilla - que coordenam os projetos de pesquisa do grupo e orientam as pesquisas desenvolvidas, além de alunos da graduação, PIBIC, Permanecer², Mestrado e Doutorado.

Diariamente, as pessoas acessam páginas na internet para ler algo e o fazem de forma natural, sem se dar conta, muitas vezes, de como são essas práticas, como reagem ao navegar no ciberespaço, por que acessam determinados *links* e não outros. A vasta oferta de apelos visuais que recebemos nos arrasta por trilhas e caminhos possíveis, mas nem sempre planejados. As mudanças do texto escrito e os mecanismos que são oferecidos pelo equipamento eletrônico facilitam a produção escrita e favorece a construção de um trabalho coletivo/colaborativo. Nesse contexto, este estudo visa compreender melhor essas práticas não-lineares, suas aplicações e influência no modo de ler e entender o mundo. É objetivo da pesquisa analisar também os modos como na atualidade o conhecimento é produzido e difundido na rede. Para atender a esses objetivos decidi estudar sobre o letramento digital e refletir sobre a importância desse processo para uma formação crítica e autônoma do indivíduo nas sociedades conectadas.

As principais questões que orientaram a pesquisa foram:

1. O que é letramento digital?
2. Que características específicas tem a leitura/ escrita digital?
3. Que habilidades os leitores/navegadores/escritores, cidadãos de hoje e de amanhã, desenvolvem para atuar no ambiente digital?
4. De que maneiras os participantes do GEC estão envolvidos no processo de leitura/escrita digital?

Diante dessas questões, a pesquisa objetiva investigar hábitos e práticas de leitura/escrita de livros/textos em versão eletrônica por componentes do

² Programa de formação integrada e apoio social aos estudantes da UFBA; este programa visa consolidar as políticas de ações afirmativas desenvolvidas na UFBA, de modo a integrar os estudantes de origem popular na plenitude da vida acadêmica.

GEC - Grupo de Pesquisa em Educação, Comunicação e Tecnologias. Pretende, também, analisar os usos e comportamentos possibilitados pelas experiências de práticas de leitura e escrita digitais. É igualmente importante saber se estes usos são feitos de forma crítica, se potencializam a formação dos indivíduos e favorecem a eficiência e eficácia na realização dos seus trabalhos acadêmicos.

Para alcançar esses objetivos, procurei um caminho metodológico, de uma pesquisa qualitativa, pesquisando e selecionando autores que discutem a questão do letramento, do letramento digital, dos modos de leitura e escrita eletrônica e dos aparelhos portáteis de leitura digital. Também apliquei um questionário on-line para identificar os hábitos e as práticas de leitura/escrita pelos integrantes do GEC.

A pesquisa tem três capítulos e as considerações finais. O primeiro discute os conceitos de letramento e letramento digital, pontuando a origem e as considerações sobre o mesmo, assim como as diferenças entre letramento e alfabetização. Também analisa a questão do *Software Livre* e o letramento digital, por considerar que o *Software Livre* tem uma filosofia importante para a inclusão digital.

O segundo capítulo apresenta a história do escrito e dos seus suportes. Aponta as características da leitura e escrita digitais, assim como as vantagens e desvantagens destes usos. Apresenta e analisa os aparelhos de leitura digital, suas funções e mudanças que podem ocorrer em renovados hábitos de escrita/leitura digital.

O terceiro capítulo sistematiza as posições dos participantes do GEC em relação às práticas de escrita/leitura digital. O capítulo foi construído a partir das respostas obtidas com o questionário on-line. Ele destaca e valoriza as percepções, inquietações e entusiasmos dessas pessoas cada vez mais convertidas em ciberleitores e ciberautores.

1 LETRAMENTO DIGITAL

1.1 ORIGEM E CONCEITOS DO LETRAMENTO

O tópico aborda a origem do letramento. Discute seu conceito, a diferença entre letramento e alfabetização, assim como a polêmica existente em relação ao uso do termo letramento. Conceitua a leitura e a escrita de maneira que distingue as especificidades de cada uma. Apresenta as agências de letramento, e ressalta a existência de níveis de letramento e alfabetização.

Letramento é uma palavra recente no nosso vocabulário e, portanto, ainda existe muita discussão quanto ao seu conceito. Foi em meados de 1980 que surgiu a palavra letramento no Brasil. Segundo Kleiman (1999), uma das primeiras autoras a utilizá-la foi Mary Kato (1986), em *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolingüística*. “Acredito ainda que a chamada norma-padrão, ou língua falada culta, é conseqüência do letramento, motivo por que, indiretamente, é função da escola desenvolver no aluno o domínio da linguagem falada institucionalmente aceita”. (KATO, 1986, p. 7) Aqui a palavra letramento aparece de forma restrita, não é o conceito que temos hoje após diversas pesquisas sobre o fenômeno. No entanto, a autora dá início ao uso do termo e desde então vários estudos foram feitos no campo da educação e das ciências linguísticas.

A palavra letramento não está no dicionário *Aurélio*. Entre as palavras aparentadas está *letrado*, que quer dizer um indivíduo “versado em letras; erudito”; e *iletrado* “que não tem conhecimentos literários”. O sentido que temos conferido para essas palavras não está relacionado com o sentido da palavra letramento para os estudos da educação

O letramento vai além das práticas de decodificação das palavras, do uso técnico da escrita e da leitura. É o uso social que fazemos dela. É saber

utilizar efetivamente, de forma positiva e competente a leitura e a escrita nos chamados eventos de letramento, ou seja, acontecimentos em que a escrita é parte integrante da interação entre pessoas, objetos e todas as coisas. É a maneira de nos inserir no mundo, que nos torna cidadãos e assim lutar pelos nossos direitos, nos comunicarmos, sermos capazes de compreender o contexto que nos é apresentado e formar uma opinião própria, crítica. Segundo Chavier:

Letramento é uma prática cultural, sócio e historicamente estabelecida, que permite ao indivíduo apoderar-se das suas vantagens e assim participar efetivamente e decidir, como cidadão do seu tempo, os destinos da comunidade à qual pertence e as tradições, hábitos e costumes com os quais se identifica. (CHAVIER, s.n., p. 2)

Letramento é ler em diferentes lugares, diferentes formas de leituras. É interagir com o ambiente, com as pessoas, compreender a realidade que o cerca; é usar a leitura e a escrita para nortear seu caminho, se comunicar, se descobrir. Esse é o sentido que tem o letramento; letra – do latim *litera*, e o sufixo – mento, que denota o resultado de uma ação. Soares (2001, p. 47) afirma que “Letramento é o estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita”, ou seja, dedica-se a atividade de leitura e escrita e responde as demandas sociais. É um permanente processo que representa tipos de habilidade e conhecimento; modos heterogêneos de leitura e escrita com diversas finalidades.

A palavra letramento é a versão para o português da palavra da língua inglesa *literacy*. Etimologicamente, a palavra *literacy* vem do latim *littera* (letra), com o sufixo – *cy*, que denota qualidade, condição, estado, fato de ser. Sendo assim, *literacy* é a condição que adquire o indivíduo que aprender a ler e a escrever. Conforme Soares:

Implícita nesse conceito está a idéia de que a escrita trás conseqüências sociais, culturais, políticas econômicas, cognitivas, lingüísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o individuo que aprender a usá-la. (SOARES, 2001, p. 17)

Quando emergem novos elementos e novas formas de compreender os fenômenos surgem novas palavras ou recriam-se, dando um novo sentido. Assim surgiu a palavra letramento, uma nova maneira de compreender a presença da escrita no mundo social. Soares (2001) afirma que esse é o

exemplo de como as palavras morrem e renascem conforme os fenômenos sociais e culturais vão ocorrendo. Da mesma forma que ocorre em diversos novos nomes para designar vários acontecimentos na rede, como a própria palavra cibercultura, denominação dada à cultura que se constitui no ciberespaço, segundo Lévy (1999).

Há muitos anos que conhecemos e utilizamos a palavra analfabetismo; convivemos com um grande número de pessoas que não sabe ler e escrever. Travaram-se batalhas para proporcionar a alfabetização da maior parte da população brasileira, uma luta constante até os dias atuais. Um problema de natureza política, de desigualdade social e de injustiça. Sabemos bem qual a parcela da população que mais sofre com o problema do analfabetismo, da falta de acesso à escola e do fracasso escolar – regiões que possuem os piores indicadores sociais e econômicos. Esse é um problema histórico e crônico do Brasil. Vivemos em luta constante para garantir a igualdade de acesso a bens econômicos e culturais para todos.

Entretanto, com o passar dos anos, avançamos, mesmo que lentamente, pois cresce o número de pessoas que aprendem a ler e escrever. A sociedade vai se tornando cada vez mais grafocêntrica, ou seja, a escrita está presente em todos os espaços, desempenhando diferentes funções. Assim, passa-se a exigir não somente o aprendizado da leitura e escrita, mas a incorporá-las, a envolver-se com as suas práticas sociais. Passou-se a questionar o conceito de alfabetização e esses usos sociais da escrita e leitura foram nomeados como letramento. No entanto, até hoje no Brasil os conceitos de alfabetização e letramento se misturam, se confundem. Soares (2004, p. 07) afirma que: “[...] no Brasil os conceitos de alfabetização e letramento se mesclam, se superpõem, freqüentemente se confundem.”

A alfabetização é vista como a aquisição da técnica da escrita e da leitura, é adquirir a tecnologia da escrita, o aprender a ler como decodificação e a escrever como codificação. O letramento é como o envolvimento em eventos variados de leitura e de escrita, é o desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema nas práticas sociais. Ambas as etapas importantes,

interdependentes e indissociáveis. Buzato faz essa diferenciação de forma bastante coerente:

No caso dos Estudos da Linguagem, essa tomada de consciência, que também não se pode considerar como pervasiva e totalmente explícita ou definitivamente formulada, está expressa pelo contraste entre a aquisição de habilidades básicas para a codificação e decodificação de mensagens por meio de uma certa tecnologia (nesse caso a escrita alfabética), à qual chamamos convencionalmente de "alfabetização" – e a utilização social dessas habilidades e tecnologias para finalidades específicas, em contextos específicos, à qual nos referiríamos mais propriamente como um conjunto de letramentos. (BUZATO, 2007, p. 144)

Corroborando com as afirmações de Buzato (2007), Soares apresenta de modo simples a diferença entre esses dois fenômenos:

Em síntese: alfabetização é o processo pelo qual se adquire o domínio de um código e das habilidades de utilizá-lo para ler e para escrever, ou seja: o domínio da tecnologia – do conjunto de técnicas – para exercer a arte e ciência da escrita. Ao exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita denomina-se letramento. (SOARES, 2004, p. 91)

É importante compreender as especificidades de cada um dos fenômenos, perceber o mérito de cada processo, mas apreendendo que são complementares e não alternativos. Não se trata de escolher entre alfabetizar ou letrar, trata-se de alfabetizar letrando. Outro engano é pensar os dois processos como seguimento, ou seja, primeiro um, depois o outro. Deve-se pensar em trabalhar ambos de forma articulada e simultânea. A alfabetização é um processo indispensável e deve ser desenvolvida por meio de práticas sociais de leitura e escrita, ou seja, atividades de letramento para que não se reduza e artificialize a escrita. O letramento, no seu sentido mais amplo, precisa da aprendizagem dos códigos da escrita para que o indivíduo possa se colocar na sociedade de maneira crítica e autônoma. Logo, os dois processos devem caminhar em conjunto, proporcionando ricas experiências culturais importantes para o desenvolvimento pleno do sujeito e para sua integração social. Sendo assim:

As pesquisas e práticas pedagógicas de alfabetização que tiveram lugar nos últimos anos vêm evidenciando duas questões da maior importância para os educadores. Uma delas é que não basta ensinar aos alunos as características e os funcionamentos da escrita, pois

esse tipo de conhecimento não os habilita para o uso da linguagem em diferentes situações comunicativas. E a outra é que não basta colocar os alunos na condição de protagonistas das mais variadas situações de uso da linguagem, pois o conhecimento sobre as características e o funcionamento da escrita não decorre naturalmente desse processo. (GOUVEIA, ORENSZTEJN, 2006, p. 35)

Paulo Freire (1989) estudou a questão da alfabetização e sua concepção vai além da aquisição de habilidades técnicas, mas é fundamento essencial para a liberdade do indivíduo. Na verdade, o que hoje chamamos de letramento, foi constatado por Freire como elementos da alfabetização, expandindo seu conceito:

[...] possibilita uma leitura crítica da realidade, constitui-se como um importante instrumento de resgate da cidadania e reforça o engajamento do cidadão nos movimentos sociais que lutam pela melhoria da qualidade de vida e pela transformação social (FREIRE, 1991, p. 68)

O conceito de alfabetização para Freire (1989) transcende seu conteúdo etimológico - alfabetização: ação de alfabetizar - o que nos leva a refletir sobre a necessidade de se criar uma nova palavra para as pesquisas educacionais - o letramento. Gadotti (2005) critica seu uso arguindo que se trata de um atraso conceitual e uma maneira de esvaziar o caráter político da educação e da alfabetização, sendo que seus anseios são equivalentes aos de Paulo Freire e já chegaram a publicar trabalhos em conjunto, como o livro *Pedagogia: diálogo e conflito*.

Gadotti (2005) argumenta que não se trata só de palavras, de batalhas por nomenclaturas, trata-se de uma posição ideológica que busca negar toda a tradição freiriana.³ “A palavra alfabetização tem um peso, uma tradição, no contexto do paradigma da educação popular que é a maior contribuição da América Latina à história universal das idéias pedagógicas” (GADOTTI, 2005, s.d). Assim, para esse pensador, o uso do termo letramento é uma forma de contrapor-se ideologicamente a essa tradição, reduzindo a alfabetização a uma tecnologia ou técnica de leitura e de escrita. Não cabe nesse estudo o

³ Para Gadotti o uso do termo letramento, nega toda a história de luta pela alfabetização, pela autonomia popular defendida por Freire.

aprofundamento sobre essa problemática, mas é importante ressaltar esse aspecto e o mais importante é que com essa discussão ampliou-se o olhar sobre os precipícios educativos. O autor Street constata com precisão:

Em geral, o que notamos é que tanto os pesquisadores que defendem o uso de alfabetização, como os que defendem o termo letramento postulam uma ruptura com a visão tradicional. A grande distinção é que, mais freqüentemente, o termo “letramento” contempla os aspectos múltiplos dessa prática social, que varia de acordo com o tempo e o espaço, com a cultura, com o contexto, e ainda mostra-se subjacente às relações de poder envolvidas. Assim, podemos falar de diferentes letramentos em diferentes condições (STREET, 2003 apud SOUZA 2007 p.34).

Tfouni (1997) atribui o surgimento do neologismo “letramento” à comprovação de que faltava na língua portuguesa uma palavra que pudesse ser empregada para apontar o “processo de estar exposto aos usos sociais da escrita, sem, no entanto, saber ler nem escrever” (TFOUNI, 1997, p. 7- 8). É possível ser letrado sem ser alfabetizado, pois estamos imersos em uma sociedade grafocêntrica, precisamos nos comunicar e fazemos usos da escrita mesmo que de forma independente. Esse nível de letramento coloca o sujeito em uma posição limitada socialmente. Por isso a importância do uso do termo letramento para muitos estudiosos, pois este tem a função de investigar não somente quem é alfabetizado, mas também quem não é e de que maneira esse grupo participa de uma sociedade que se constitui fundamentalmente por meios de práticas escritas, ou seja, uma sociedade letrada. Segundo Soares:

A alfabetização – a aquisição da tecnologia da escrita – não precede nem é pré-requisito para o letramento, isto é, para a participação em práticas sociais de escrita, tanto assim que analfabetos podem ter um certo nível de letramento: não tendo adquirido a tecnologia da escrita, utiliza-se de quem a tem para fazer uso da leitura e da escrita; (SOARES 2004, p . 92)

Existem pessoas que não sabem ler nem escrever, mas sofrem influências dessa sociedade letrada, e mesmo que de forma dependente e limitada são inseridas no contexto social. Assim como temos indivíduos que passaram pela escola, são considerados alfabetizados, mas que não são capazes de utilizar a língua escrita em situações sociais que requerem

habilidades mais complexas. São, portanto, pessoas alfabetizadas e com um baixo nível de letramento, pois não existe o iletramento, ou seja, o grau zero. O que tem de fato são níveis de letramento. Mesmo que o sujeito não tenha adquirido a técnica da escrita/leitura, ele participa de práticas sociais que envolvem esses dois processos, ou mesmo que tenha contraído a tecnologia de decodificação e codificação, cada sujeito possui um estado de letramento, até porque cada caminho é único. O ambiente em que se vive, a cultura, as oportunidades de crescimento e amadurecimento, além de existir necessidades específicas de uso do código escrito; o próprio fenômeno da alfabetização não é estático, pois existem também níveis de alfabetização.

Ribeiro afirma que “saber ler e escrever não é uma questão de tudo ou nada, mas uma competência que pode ser desenvolvida em diversos níveis” (RIBEIRO, 2004, p.15). Dessa forma, o nível de alfabetização envolve-se também nos níveis de letramento e o indivíduo que possui grande competência no uso das técnicas de escrita terá maior possibilidade de atuar eficientemente nos eventos de letramento.

A alfabetização é vista no sentido mais limitado do processo educacional, está sempre ligada a escolarização e ao campo individual, enquanto o letramento centraliza-se no social, focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade, de acordo com Tfouni (1997). É algo que vai muito além da alfabetização. O letramento amplia a visão sobre o processo de formação do indivíduo, dando margem a diversas possibilidades de estudos e de conceitos. Vivemos em um mundo em constante transformação, cujas práticas de leitura e escrita sofrem mutações e ampliam os seus modos de uso. Além da complexidade que é o próprio ser humano e os fenômenos que o cerca, a natureza política e cultural do processo educativo, o conceito de letramento envolve com mais consistência essa realidade.

O letramento é um conceito mais plástico e mais amplo do que o de alfabetização, já que está ligado à sociedade, com toda a sua complexidade, e não está restrito ou tão intimamente relacionado à instituição escolar. O letramento não tem limites, o que também torna o tema complexo. (RIBEIRO, 2008, p.28)

O letramento abrange dois processos essenciais: o ler e escrever. Ações diferentes e complexas. Apesar de ambos os processos andarem juntos, sabemos que uma pessoa pode ser capaz de ler bem, mas escrever mal. É importante compreender o desenvolvimento desses dois processos, apreendendo as suas especificidades.

Compreendemos a leitura como um processo complexo, que abrange diversas habilidades linguísticas e psicológicas. Envolve a habilidade de decodificar palavras escritas, percepção dos sinais, de sons e imagens, uma leitura polifônica que provoque a geração de inferências, isto é, reflexões, analogias, questionamentos, generalizações etc. Conforme Coscarelli:

A geração de inferências é um processo fundamental para a leitura. Quem não faz inferências não lê. Para se compreender um texto é preciso fazer inferências, ou seja, é preciso que o leitor complete o texto com informações que não estão explícitas nele. (COSCARELLI, 1996, p. 01).

A produção de inferências é de extrema importância para a compreensão de textos, pois é o processo através do qual o leitor liga a informação textual a itens do seu conhecimento prévio, buscando assim estabelecer a coerência do texto. Soares traz de forma ampla as diversas habilidades necessárias para uma boa leitura:

Desse modo, a leitura estende-se da habilidade de traduzir em sons sílabas sem sentido a habilidades cognitivas e metacognitivas; inclui, dentre outras: a habilidade de decodificar símbolos escritos; a habilidade de captar significados; a capacidade de interpretar sequências de idéias ou eventos, analogias, comparações, linguagem figurada, relações complexas, anáforas; e, ainda, a habilidade de fazer previsões iniciais sobre o sentido do texto, de construir significado combinando conhecimento prévios e informação textual. De monitorar a compreensão e modificar previsões iniciais quando necessário, de refletir sobre o significado do que foi lido, tirando conclusões e fazendo julgamento sobre o conteúdo. (SOARES, 2001, p. 69)

Por este motivo a importância da alfabetização e do letramento ocorrerem de forma simultânea, pois contribuem para a promoção de leitores proficientes. Do mesmo modo, a formação de escritores competentes, tendo a escrita como importante fonte de comunicação, requer, assim como a leitura, diversas habilidades.

[...] as habilidades de escrita estende-se da habilidade de registrar unidades de som até a capacidade de transmitir significado de forma adequada a um leitor potencial. [...] a escrita é um processo de relacionar unidades de som a símbolos escritos, e é também um processo de expressar idéias e organizar o pensamento em língua escrita. (SOARES, 2001, p. 69-70)

Não podemos esquecer de apontar que os fatores fundamentais para que um indivíduo se torne letrado são as chamadas agências e agentes de letramentos. São diversos os lugares e as pessoas que proporcionam o letramento em vários níveis. A escola é tida como o espaço mais formal da aquisição do letramento. No entanto, presenciamos a sua preocupação com a parte mais técnica da formação do sujeito, por isso sua ligação com a alfabetização. Não por acaso, dificilmente encontramos estudos que envolvam os processos de escolarização separados dos da alfabetização. Hoje, a escola não é fonte principal de desenvolvimento pleno do sujeito; cabem as outras instituições o papel de proporcionar um ambiente favorável ao seu crescimento. De acordo com Kleiman:

Pode-se afirmar que a escola, a mais importante das agências de letramento, preocupa-se, não com o letramento, prática social, mas com apenas um tipo de prática de letramento, a alfabetização, o processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico), processo geralmente concebido em termos de uma competência individual necessária para o sucesso e promoção na escola. Já outras agências de letramento, como a família, a igreja, a rua como lugar de trabalho, mostram orientações de letramento muito diferentes. (KLEIMAN, 1995, p. 20)

É por isso que precisamos repensar o papel da escola, que indivíduos queremos formar? Vamos continuar reproduzindo esse sistema cruel de desigualdade social até quando? A escola precisa atuar em conjunto com outras agências, contribuir para o desenvolvimento humano e intelectual. Deve proporcionar um ambiente que favoreça o desenvolvimento da criticidade, da autonomia, de habilidades necessárias para que o sujeito possa atuar ativamente na sociedade, modificando a realidade presente.

Não existem limites para o letramento, uma vez que a humanidade sempre idealizará novas formas de se utilizar os códigos escritos, novas maneiras de escrever, novos tipos de textos e suportes de leitura de acordo

com as necessidades, fazendo com que o letramento esteja sempre em expansão. As máquinas digitais e a Internet estão entre nossas possibilidades mais recentes. Chartier (2002) alerta para o possível surgimento de um novo iletrismo com a era eletrônica. Surgem novas formas de lidar com a leitura/escrita, exigindo-se o aprendizado de novas habilidades. Ribeiro (2008) captou bem essa problemática e designou o nascimento dos *analfabites*:

Se antes convivíamos com a separação entre alfabetizados e analfabetos, minorada pelo surgimento das preocupações com o letramento, agora novas questões são postas. Uma delas é aquela relacionada aos *analfabites*, pessoas que, embora saibam ler e escrever, e por vezes dominem os suportes tradicionais de escrita, não dominam novas mídias, mais especificamente o computador e a Internet. Mais uma vez, podemos afastar a dicotomia entre *analfabites* e alfabetizados para que emergja uma nova discussão: a do letramento digital. (RIBEIRO, 2008 p. 28)

Diante desse contexto torna-se importante a ampliação dos estudos sobre letramentos e, principalmente, compreender de que modo o incremento das novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) afeta esse processo e modifica as práticas sociais de leitura/escrita. Dessa forma, o tópico seguinte analisa as questões do letramento digital.

1.2 LETRAMENTO DIGITAL

Este tópico trata do conceito de letramento digital. Traz suas características, assim como a diferença entre alfabetização digital e letramento digital. Discute a sua importância na formação do sujeito contemporâneo.

Estamos acostumados a escrever no papel, usando a tecnologia do lápis e da caneta, a ler textos impressos, em uma leitura sequencial, ou seja, da esquerda para direita, de cima para baixo, folheando página por página. Agora temos a alternativa de usar o teclado para digitar um texto, usar o mouse para navegar na rede internet, ler textos e livros em formato digital, com hipertextos ou um texto hipermediático, com links, animações, sons e sem sequência linear. Essa mudança de como escrever e ler no ambiente virtual requer discussão, compreensão e o entendimento das dificuldades ou facilidades embutidas, ter autonomia e maturidade para saber quando e como usar. Todo esse processo

pode ser chamado de uma nova forma de alfabetização, ou um novo letramento. Alguns autores usam o termo formação tecnológica. Aqui diante do conceito letramento optamos por nomear de letramento digital.

O computador já faz parte da rotina de uma grande parcela da população, no setor familiar, econômico e social. Até mesmo quem não faz uso cotidiano das Tecnologias de Comunicação e Informação (TIC), encontra-se de certo modo incluído nesse processo, pois não vive em outro mundo, faz parte desse mundo contemporâneo e não adianta negarmos as transformações que as tecnologias vêm provocando em todas as esferas da sociedade. Afirma Bonilla, Assis que:

No plano mais geral de observação da realidade contemporânea, presenciamos transformações que ocorrem em todas as áreas, de modo caótico. Em alguns casos, sentimos apenas a vertigem, sem conseguir acompanhar, de fato, a velocidade das alterações que vão ocorrendo a cada instante. (BONILLA, ASSIS, 2005, p. 16)

Vivemos a introdução, na sociedade, de novas modalidades de práticas sociais de leitura e de escrita proporcionadas pelas TIC – o computador, a rede (a *web*), a Internet - que requerem outras habilidades, diferentes processos para compreender o mundo e nele agir. Assim, como precisamos letrar o indivíduo para sua participação plena na sociedade, surge a necessidade de um novo tipo de letramento para que sua participação no ciberespaço seja também de modo pleno, ativo e, principalmente, crítico-reflexivo. Hoje é necessário ler e escrever digitalmente, conhecer e saber utilizar as tecnologias que estão inseridas no contexto do dia a dia e, principalmente, sermos sujeitos autores, não mero receptores de informações. Assim:

Segundo Eco (1996), os eventos de letramento que ocorrem com a intermediação da Internet exigem novas práticas e novas habilidades de leitura e de escrita: “We need a new form of critical competence, an as yet unknown art of selection and decimation of information, in short, a new wisdom” (Precisamos de uma nova forma de competência crítica, uma ainda desconhecida arte de seleção e eliminação de informação, em síntese, uma nova sabedoria). (ECO (1996) apud SOARES, 2002, p. 155)

Diante desta exposição inicial, fica evidente a necessidade de letrar os indivíduos para o ambiente digital. “Saber comportar-se enquanto navegador é

adquirir práticas de letramento” (MENDES, 2008, p.02). Apesar de ser um tema recente, muitos autores já se antecipam na formulação de conceitos de letramento digital, dentre os quais Soares:

[...] letramento digital: um certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela, diferente do estado ou condição – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel. (SOARES, 2002, p. 151)

Soares (2002) ainda argumenta que através dos estudos sobre letramento digital podemos, quem sabe, compreender melhor o próprio fenômeno do letramento, pois por vivermos imersos nele, apresentamos dificuldades de apreender as suas características.

(...) podemos buscar uma compreensão mais ampla da natureza do letramento na cultura do papel pela análise do processo em andamento, na cibercultura, de desenvolvimento de novas práticas digitais de leitura e de escrita, em confronto e contraposição com as já tradicionais práticas sociais quirográficas e tipográficas de leitura e de escrita. Ou seja: recuperar o significado de um letramento já ocorrido e já internalizado, flagrando um novo letramento que está ocorrendo e apenas começa a ser internalizado. (SOARES, 2002, p.147)

Soares (2002), Takaki (2008) e Ribeiro (2008) alertam para o uso do termo letramento no plural – letramentos – visto que diferentes técnicas e espaços de escrita, diferentes mecanismos de produção, reprodução e difusão da escrita resultam em diferentes letramentos. Sendo assim, com a chegada do computador, que entre tantas outras funções possui a de ler e escrever, temos o surgimento de mais uma categoria do letramento. Assim como existem diversos tipos de letramentos e uma complexidade no seu conceito, o letramento digital, considerado uma subcategoria, é tão complexo quanto e necessita também de outras categorias. Tavares (2009, p.141) trás alguns exemplos: “letramento computacional, letramento informacional, letramento visual, letramento midiático, entre outros.” Logo, o conceito de letramento digital deve englobar todos esses aspectos.

Alguém que se torna letrado digitalmente deve ser capaz de desempenhar criticamente variadas funções no ciberespaço e não somente uma determinada habilidade. No entanto, para um melhor estudo sobre o

fenômeno, pode ser relevante fazer recortes. “Mesmo no tema letramento digital há um amplo leque de possibilidades. O pesquisador ainda precisa fazer um recorte e chegar ao ambiente que deseja observar.” (Ribeiro 2008, p. 33). Neste trabalho propomos um estudo sobre a escrita e leitura de livros/textos digitais por parte de um grupo específico, o Grupo de Pesquisa em Educação, Comunicação e Tecnologias (GEC), estes altamente envolvidos com as tecnologias. Uma vez que o letramento é o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência da apropriação da escrita Soares (2002), com o surgimento de novas práticas de leitura e escrita conduzindo a diferentes estados ou condições, torna-se importante tentar compreender que estados são esses. Tavares (2009) embasado com as ideias de Leu et al. (2004), Schmar-Dobler (2003) e Karchmer (2004), ressalta quatro áreas de habilidade essenciais para o letramento digital:

(1) construir significado a partir de diferentes fontes de informação, através da integração de gráficos, imagens e sons; (2) adquirir, selecionar, avaliar e usar informações das mais diversas fontes, inclusive tendo em vista variedades sociais e culturais; (3) identificar e solucionar problemas, trabalhando em grupo; e (4) comunicar-se e comunicar, rapidamente, suas decisões e descobertas. (TAVARES, 2009, p. 143)

Letramento digital é muito mais que receber informações por meio da escrita em suportes digitais. É incluir capacidades de pesquisar uma informação de maneira rápida, analisar sua confiabilidade, criar, produzir conhecimento e disponibilizar na rede suas produções. É saber agir coletivamente, construindo trabalhos colaborativos, interagir a partir desse imenso leque de opções de comunicação que existe no ambiente virtual e, principalmente, atuar constantemente de forma crítica, potencializando os usos das TIC no seu cotidiano, melhorando sua condição social e a sua participação no mundo. Não podemos esquecer que as práticas também vêm em outros usos envolvendo tecnologias digitais, como máquina fotográfica, celular, MP3, MP4 entre outros.

Assim como há confusão entre os termos alfabetização e letramento na cultura do impresso, encontramos entre as denominações *alfabetização digital* e *letramento digital*. Buzato (2007) argumenta que a alfabetização digital diz

respeito ao processo inicial de capacitação para o uso das TIC no sentido mais básico, não ampliando as possibilidades de aplicação em todas as instâncias da vida. Ele traz a distinção entre essas três palavras - uso, aplicação, geração – das quais fazemos o uso, aplicamos de forma ampla e geramos novas tecnologias, novos conhecimentos, pois não somos somente introduzidos no espaço digital, mas sim, transformamos a realidade que encontramos. É preciso que a aprendizagem dos usos técnicos do computador e da internet seja também associada aos eventos de letramento.

Há, sobretudo, em uma grande variedade de discursos sobre a alfabetização digital, não percepção explícita de que tanto a alfabetização no sentido tradicional, quanto qualquer outro conjunto de conhecimentos e habilidades necessários para a codificação e decodificação de mensagens, só leva ao desenvolvimento (pessoal ou coletivo, cognitivo ou político-econômico) por meio de práticas sociais e finalidades específicas em que esses conhecimentos e habilidades são postos em uso, isto é, por meio de letramentos. (BUZATO, 2007, p. 145)

É através desses usos competentes que surgem novos conhecimentos, novos produtos tecnológicos e acontecem as transformações com base na usabilidade. À medida que o leitor/navegador se apodera do formato, utiliza-o eficientemente, modifica-o através de sua experiência e aperfeiçoa-o.

É importante salientar que essas conquistas não são lineares; primeiro vem a alfabetização digital depois o letramento digital. Aliás, estudos já comprovam que nem mesmo é linear o processo de alfabetização e letramento de impressos para depois o letramento digital. Encontram-se pessoas que sequer são alfabetizadas, ou seja, não adquiriram a técnica da escrita e da leitura de impressos, mas que começam o processo de letramento digital e este até mesmo possibilita a alfabetização. Crianças que nem entraram na escola começam a manipular a máquina, mexem no teclado e aprendem a navegar na rede, acelerando seu desenvolvimento cognitivo. Silva, Lima e Araújo (2009) observam que:

A ordem de letramento (alfabético para digital ou digital para alfabético) é variável, pois existem os usuários das TICs que primeiramente tiveram contato com o letramento alfabético e, somente depois, tiveram contato com o suporte digital. Porém, há um grande número de crianças que, nascidas na era digital, tendo contato com vídeos games de última geração, computadores com

acesso à internet, celulares que mais parecem minicomputadores, MP3, MP4 etc., mesmo antes de serem alfabetizados, já sabem utilizar várias funções desses aparelhos eletrônicos levando em consideração não as palavras que encontram na tela/display, mas outras semioses lá existentes. (SILVA, LIMA, ARAÚJO, 2009, P.176)

Apesar das apropriações das tecnologias nem sempre ocorrerem de modo sequencial - e nem deve ser - não podemos deixar de colocar que, de certa maneira, para que seu uso seja pleno, competente e eficiente é necessária a apropriação dos códigos alfabéticos. Por isso é preciso uma formação ampla, cujas tecnologias caminhem em conjunto, se complementem, conforme Xavier:

Nesta perspectiva, podemos afirmar que a principal condição para a apropriação do letramento digital é o domínio do letramento alfabético pelo indivíduo. Há uma inegável dependência do “novo” tipo de letramento em relação ao “velho”. (XAVIER, s. n.: p. 4)

Tendo em vista os conceitos apresentados, fica clara a preferência em usar o termo letramento digital em detrimento a outras denominações que possuem julgamentos que podem ser considerados limitados. O próximo tópico trata do *software* livre e sua importância na promoção do letramento digital

1.3 LETRAMENTO DIGITAL E SOFTWARE LIVRE

Este tópico aborda o *software* livre e sua relação com o letramento digital. Discute e propõe que a adoção do *software* livre pode favorecer o aumento do nível de letramento digital da sociedade.

Ao falar de letramento digital, dos termos uso, aplicação e geração, não poderia deixar de citar neste trabalho o *software* livre. Uma vez que as vantagens ligadas aos programas provenientes desta ordem podem vir a favorecer o processo de inclusão digital e, conseqüentemente, o de letramento digital. O *software* livre pode ser usado, copiado, estudado, modificado e redistribuído sem restrição, disponibilizando o seu código-fonte. O termo *livre* refere-se a quatro tipos de liberdades usufruídas legitimamente. Silveira (2005) afirma que essas quatro liberdades são a essência do *software* livre e as define da seguinte maneira:

Liberdade de executar o programa para qualquer propósito; liberdade para estudar o programa e adaptá-lo às suas próprias necessidades, ou seja, ter acesso ao código fonte; liberdade de redistribuir suas cópias originais ou alteradas, e, a liberdade para aperfeiçoar o programa e liberá-lo para benefícios da comunidade. (SILVEIRA, 2005, p. 38)

É bom lembrar que *software* livre não significa um *software* gratuito, já que esse é um dos questionamentos das empresas: como ganhar dinheiro produzindo programas abertos. *Software* livre é uma questão de liberdade, não de preço. Existe a liberdade de distribuir cópias, seja com ou sem modificações, seja de graça ou cobrando uma taxa. Independente de como se obtenha o *software*, o importante é ter sempre a liberdade de copiá-lo e modificá-lo, ou mesmo de vender cópias. Por este motivo a importância do código-fonte ser aberto para qualquer um poder alterá-lo e adequá-lo às suas necessidades.

A grande questão em geral apresentada contra o software livre é como uma empresa ganharia dinheiro produzindo programas abertos. O software livre não é necessariamente um software gratuito. Varias empresas brasileiras adotaram o modelo de distribuição gratuita do software e suporte pago. Seus lucros são maiores do que quando utilizavam o antigo modelo de comercialização de software proprietário. (SILVEIRA, 2005, p. 38)

O *software* proprietário não oferece o acesso ao código-fonte, portanto não se pode estudá-lo ou alterá-lo, somente usá-lo da forma como ele foi disponibilizado. Segundo Branco:

“A utilização de software proprietário é o mesmo que, por exemplo, utilizarmos um medicamento sem termos o direito de conhecer a fórmula química. Ou ainda, comprarmos alimentos industrializados sem o direito de conhecer sua composição” (BRANCO, 2005, s.p).

O *software* proprietário pode até ser oferecido de maneira gratuita, mas não existem as liberdades oferecidas pelo *software* livre. Ele priva a possibilidade de criação, fazendo com que o sujeito seja simplesmente um usuário das tecnologias, as quais sirvam apenas como uma forma de comunicação mais rápida, se detendo ao uso da internet para acessar informações; uso dos editores de textos mais eficiente que a antiga máquina de escrever, deixando de explorar o enorme potencial que as tecnologias têm a oferecer.

O acesso às tecnologias é fundamental, mas também ele precisa ser qualificado. A presença de tecnologias mais simples, como os livros impressos, ou de outras mais avançadas, como os computadores em rede, produzindo novas realidades, exige o estabelecimento de novas conexões que as situem diante dos complexos problemas enfrentados pela educação, sob o risco de que os investimentos não se traduzam em alterações significativas de questões estruturais da educação. Conexões essas que favoreçam a cada cidadão poder efetivamente participar do mundo contemporâneo não na perspectiva de ser treinado para usar o computador. (PRETTO, ASSIS, 2008, p.75)

O *software* livre, sem dúvida, é essencial não só para o uso de programas, mas também por ser de grande importância em pesquisas e avanços tecnológicos, principalmente em países com problemas sociais como o Brasil, diminuindo assim a dependência tecnológica. Além do fato de que na adoção do *software* livre deixa-se de gastar milhões em dinheiro com *softwares* proprietários e limitados, "com prazo de validade", podendo investir em outros setores. O país passa a ter um sistema operacional confiável, com baixo custo, permitindo a inclusão digital para muitos que nem contato com computadores tem, como afirma Silveira:

Do ponto de vista do setor público, a adoção do software livre traz a vantagem de economizar quantias vultosas com o pagamento de licenças de programas proprietários. [...] O simples fato de desenvolver *software* livres é um elemento de afirmação de nossa cidadania, de nossa inteligência coletiva, de redução da dependência tecnológica e do pagamento de royalties ao Primeiro Mundo. (SILVEIRA, 2005, p. 39)

Dentro desta perspectiva, apesar de muitos ainda preferirem pelo pagamento de *royalties* às grandes multinacionais que monopolizam a produção de *softwares* e contribuem para o aumento de um modelo de desenvolvimento socialmente excludente, existem muitos governos, empresas e movimentos sociais ao redor do mundo que já compreenderam esta questão e estão adotando o software livre. No Brasil, o uso do *software* livre vem crescendo substancialmente, tanto no setor público quanto no privado. Segundo Aguiar, essa ampliação é devido ao fato de que "o *software* livre vem se apresentando, cada vez mais, como uma forma viável e sustentável de acesso às novas tecnologias da informação em comparação com os *softwares* "proprietários"." (AGUIAR, 2009, p11)

Uma vez colocadas as questões da cooperação, colaboração, criatividade e autonomia para o letramento digital, incentivar o uso do *software* livre é importante, pois este representa, além de uma alternativa mais viável do ponto de vista econômico, um forte motor para uma educação interativa, criativa e para as produções coletivas/colaborativas. O *software* livre pode tornar possível o desenvolvimento dessas competências, possibilitando, de fato, uma inclusão no mundo digital.

A colaboração e o trabalho em rede são características fundamentais do movimento software livre e, ao mesmo tempo, são princípios necessários para a educação, podendo a escola, também ela, assumir mais efetivamente essa perspectiva colaborativa a partir da intensificação de trabalhos coletivos e em rede. (PRETTO, 2008)

O sujeito não somente irá utilizar da leitura e escrita digital e do pleno acesso à informação, mas irá buscar ou transformar os recursos disponíveis de acordo as suas demandas; produzir conhecimento e principalmente saber compartilhar, por isso a importância de destacar o *software* livre neste trabalho. “Não queremos ser apenas consumidores de produtos e tecnologias proprietárias. Os países e seus habitantes têm o direito de serem sujeitos ativos na Sociedade da Informação.” (BRANCO, 2005, s.p).

Com o *software* livre existe a possibilidade de potencializar o letramento digital, principalmente para as classes menos favorecidas, através da economia que o *software* livre proporciona, mas principalmente pela liberdade na geração de conhecimentos.

Para muitos *softwares* proprietários, existe uma solução livre e equivalente em termos de qualidade e nível de funcionalidades, mas é preciso que seja divulgado. Assim, o *software* livre tem com principais desafios para a sua adoção o interesse da classe alta de assegurar o seu poder; o aprisionamento dos usuários ao *software* proprietário; a adaptação cultural ao *software* livre e ainda, a necessidade urgente de formar pessoas críticas que possibilitem a expansão da utilização destes *softwares*.

Com base no que foi exposto, é importante apresentar as características da leitura e escrita digitais para que possamos melhor compreender o

fenômeno do letramento digital. Dessa forma, no próximo tópico abordaremos os usos dos livros/textos digitais.

2 USOS DOS LIVROS/TEXTOS DIGITAIS

2.1 O ESCRITO E A HUMANIDADE

Neste tópico é apresentada a história do escrito e dos seus suportes, assim como as mudanças que acarretaram nas formas de leitura e no acesso à informação.

O homem sempre teve a necessidade de registrar as suas experiências, desde os tempos mais remotos até os dias atuais ele busca eternizar o conhecimento. Somente dessa maneira ele e as gerações vindouras podem ter acesso, além de aperfeiçoar, evoluir e modificar a realidade a sua volta. Nesse contexto a escrita está na fonte de toda evolução humana e o livro constituiu-se como principal repositório, tornando-se importante suporte da informação.

O livro - repositório da experiência contínua das civilizações – ao registrar a memória coletiva, quer através das técnicas utilizadas para impressão e gravação, quer pela influência na difusão das idéias e no avanço dos conhecimentos, constituiu-se no fator essencial da civilização como veículo do pensamento escrito. (RODRIGUES, 2000, p. 02)

Há cerca de vinte mil anos o homem manifesta o seu pensamento através de meios gráficos e há aproximadamente seis mil anos conhece as formas de escrita. Desde então a escrita passou por alterações, tanto em sua forma quanto em seus suportes: ocorreu a passagem da placa de argila para a folha de papiro; da folha de papiro para o rolo de papiro; do rolo de papiro para o rolo de pergaminho; do rolo de pergaminho para o códice; do códice para o livro impresso em papel e deste para o registro digitalizado. Cada formato modifica a nossa forma de ler e escrever e a maneira de lidar com o conhecimento.

Com o antigo rolo de papiro o leitor não podia ler e escrever ao mesmo tempo, pois ocupava as duas mãos para segurar o volume e tinha de mantê-lo aberto a altura dos seus olhos. O surgimento do pergaminho possibilitou o desenvolvimento do códice, que exigiu do leitor a habilidade de folheá-lo, de percorrer de forma fragmentada as páginas. Isso transformou profundamente as formas de lidar com o texto, pois tornaram-se possíveis folhear uma obra, escrever enquanto se lê e localizar trechos a partir da página e do índice. O códice permitiu uma localização mais fácil e uma manipulação mais agradável do texto, Aquino (2007).

Temos como marco na história da escrita e do livro a inovação da técnica da prensa por Gutenberg, no século XV, que revolucionou a produção do livro, pois possibilitou o aumento do número de cópias e da circulação. Agora, com a escrita digital, presenciamos um novo momento do escrito, com

mudanças mais profundas que anunciam o aumento da democratização do conhecimento, pois apresenta maior rapidez e liberdade no ato de produzir e disseminar os saberes. Essas inovações são apontadas por Primo como uma revolução:

A invenção do códex e da imprensa veio potencializar a comunicação desvinculada do imperativo da co-presença e facilitar a manipulação e leituras de textos. Essa tecnologia permitiu que o registro de fatos e idéias resistisse ao tempo, independente do desempenho oral e da memória, diminuindo também o risco de distorções na retransmissão. [...] A última década do século XX testemunhou uma nova revolução na área de comunicação; para muitos, a maior desde a invenção da imprensa. (PRIMO, 2008, p.49-52)

Segundo Chartier (1994) essa revolução é vista como a maior dos últimos tempos, maior que a de Gutenberg, pois modifica não somente a forma de reprodução do texto, mas o suporte e a própria estrutura. O texto está modificado, agora está em uma tela, adquirindo configurações únicas, permitindo uma propagação da informação muito maior, com dinamicidade e rapidez, maior facilidade de acesso à cultura, ao conhecimento, apresentando várias formas e níveis de interatividade, além das múltiplas possibilidades de trajetos e modos de leitura. Agora, além de leitor e escritor, temos o leitor navegador.

2.2 LEITURA E ESCRITA DIGITAIS

Este tópico trata da questão do nascimento de um novo leitor com era eletrônica – o leitor navegador. Abordamos as características da leitura e escrita digitais, os processos cognitivos da leitura digital, assim como as mudanças na estrutura do texto no formato digital.

Fora e além do livro, há uma multiplicidade de modalidades de leitores. Há o leitor da imagem, desenho, pintura, gravura, fotografia. Há o leitor do jornal, revistas. Há o leitor de gráficos, mapas, sistemas de notações. Há o leitor da cidade, leitor da miríade de signos, símbolos e sinais em que se converteu a cidade moderna, a floresta de signos de que já falava Baudelaire. Há o leitor espectador, do cinema, televisão e vídeo. A essa multiplicidade, mais recentemente veio se somar o leitor das imagens evanescentes da computação gráfica, o leitor da escritura que, do papel, saltou para a superfície das telas eletrônicas, enfim, o leitor das arquiteturas líquidas da hipermídia, navegando no ciberespaço. (SANTAELLA, s. n., s. d.)

Realizamos diversos tipos de leitura: lemos um texto, um quadro, uma fotografia, um filme, uma música, fazemos até mesmo a leitura de pessoas. Tudo requer interpretação, demanda leitura. “A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquela” já dizia Freire (1989, p.20). Assim, a leitura se dá não apenas na leitura gráfica, mas a partir da interpretação de muitas linguagens. Ao adquirir competência na leitura, o sujeito torna-se capaz de buscar seu conhecimento, de conquistar sua autonomia.

Temos agora o leitor navegador, o qual mergulha nas infinitas possibilidades de acesso à informação, nos diversos tipos de linguagens e trajetos de leitura nos oceanos da internet. Entender como se processa essa leitura, quais as novas relações que se estabelecem entre o texto e o leitor, de que maneiras ele compreende as informações e quais as funções cognitivas ele precisa desenvolver para sua leitura digital, são fatores importantes para que possamos compreender melhor a leitura digital e assim usufruir de todas as vantagens que o suporte pode oferecer.

Nasce aí um outro tipo de leitor, revolucionariamente distinto dos anteriores. Não mais um leitor que tropeça, esbarra em signos físicos, materiais, como era o caso do leitor movente, mas um leitor que navega numa tela, programando leituras, num universo de signos evanescentes, mas eternamente disponíveis, contanto que não se perca a rota que leva a eles. Não mais um leitor que segue as seqüências de um texto, virando páginas, manuseando volumes, percorrendo com seus passos a biblioteca, mas um leitor em estado de prontidão, conectando-se entre nós e nexos, num roteiro multilinear, multi-seqüencial e labiríntico que ele próprio ajudou a construir ao interagir com os nós entre palavras, imagens documentação, músicas, vídeo etc. Trata-se de um leitor implodido cuja subjetividade se mescla na hipersubjetividade de infinitos textos num grande caleidoscópio tridimensional onde cada novo nó e nexos pode conter uma outra grande rede numa outra dimensão. (SANTAELLA, s. n.: s. d)

Embora o livro impresso possa ser lido aleatoriamente, estamos acostumados a realizar no papel uma leitura linear. De certa maneira, o livro impresso possui uma ordem determinada, um fluxo sequencial, ou seja, lemos da esquerda para a direita, de cima para baixo e página por página até o final do livro. A própria configuração física delimita e orienta uma determinada prática de leitura e escrita. “Num livro impresso, frases, parágrafos, páginas e capítulos sucedem-se numa ordem determinada não somente pelo autor, mas também pela configuração física e sequencial do próprio livro” (NEGROPONTES, 1995, p. 71). Porém, cognitivamente procedemos de modo não linear. Coscarelli concorda com essa observação e afirma que:

[...] mesmo que o leitor siga as páginas do livro, a leitura, ou seja, a representação que constrói para o texto, não é linear. Na leitura, o leitor deve separar o que é informação relevante para os seus propósitos, construindo uma hierarquia dos significados, separando o que é informação principal de secundária. Fazendo isso, ele será capaz de perceber qual a idéia central, ou seja, aquela que permeia todas ou a maioria das proposições que construiu para o texto. (COSCARELLI, 2002, p, 75-76)

Sendo assim, a internet é uma tecnologia intelectual que “virtualiza a função cognitiva da leitura” (LEVY, 1996), pois a leitura na tela não exige a linearidade do texto impresso, ela é descontínua na prioridade de satisfazer as características próprias do texto eletrônico, entre elas a maleabilidade, a mobilidade e a abertura para inúmeros *hiperlinks*. “A cognição, da mesma forma que o hipertexto, caracteriza-se pelos saltos ou infinidade de associações possíveis” (FACHINETTO, 2005, p.02). Uma palavra pode nos remeter a uma série de pensamentos, assim como ocorre ao clicar com o *mouse* sobre um *link*. O hipertexto é um agrupamento de textos que fica cada vez maior; pode-se começar a ler em qualquer ponto, pular para novos assuntos sempre que assim o desejar e parar no momento que quiser. Não há um caminho certo de leitura, nunca duas pessoas o lerão da mesma maneira.

Hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, imagens, gráficos ou parte de gráficos, seqüências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mascada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular.

Navegarem um hipertexto significa, portanto desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira. (LÉVY, 1999, p. 33)

Dessa forma, muitos estudiosos sustentam a ideia de que a leitura digital está mais próxima da forma como apreendemos cognitivamente as informações. “o hipertexto favorece a leitura em função de sua característica não-linear e não hierarquizada, que entra em ressonância com o sistema cognitivo humano” (FACHINETTO, 2005, p.02)

Coscarelli (2003) defende que não há nada de novo no hipertexto, a não ser os mecanismos de navegação que tornam mais rápidos os acessos a outros textos. Ao ler um jornal impresso, notas de rodapé em um livro ou pesquisar em enciclopédia fazemos isso de modo não linear. No entanto, o hipertexto digital trás inúmeras possibilidades de intertextualidade, de interatividade, com diferentes escolhas para leituras e interferências, uma autonomia para o leitor muito maior do que na leitura de impressos. Conforme Parente:

Enquanto que a não-linearidade pode ser plenamente realizada em um texto impresso, pela leitura, a multilinearidade, a temporalidade e a interatividade plena dependem de sistemas hipertextuais dinâmicos que utilizam complexos sistemas de cálculos booleanos e probabilísticos combinados com a semântica estrutural. (PARENTE, 1999, p.82)

Ramal (2002) teve uma boa iniciativa ao construir seu livro com base nos hipertextos digitais. Vários *links* cortam o texto central e o leitor escolhe o caminho da sua leitura, como mostra a figura:

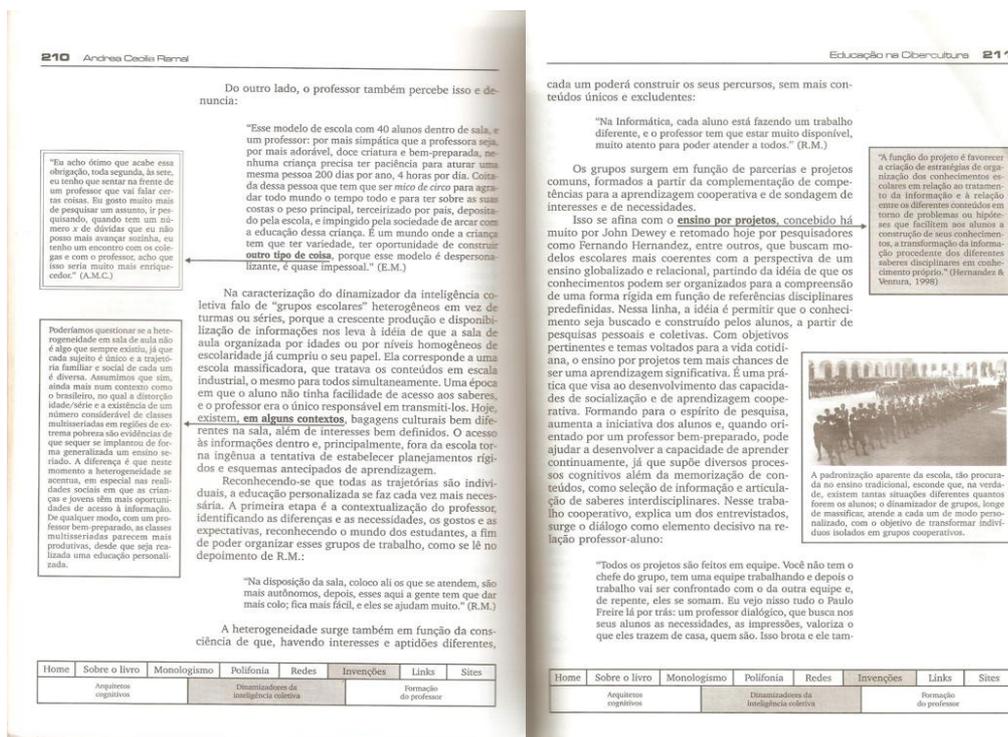


Figura I extraída do livro (RAMAL, 2002, pp. 210-211)

Ela apresenta uma estrutura não sequencial, com pequenos compartimentos abertos que se ligam a outros, possibilitando ao leitor realizar sua leitura a partir do assunto que lhe interessa, saltando partes do livro.

Figura II extraída do livro (RAMAL, 2002, p. 211)



No entanto, não é a mesma coisa dos textos eletrônicos e do hipertexto digital. No livro impresso, mesmo tendo a possibilidade de realizar a leitura de modo não linear como apresenta Ramal (2002), os *links* estão todos visíveis aos nossos olhos, com caixas obtendo textos curtos, outros mais longos e figuras. Cabe ao leitor ter o desejo ou o interesse em percorrer por esses *links*. Logo, por se tratar de livro impresso, pelo conteúdo dos *links* estarem todos aparentes, há uma exigência a leitura. Apresentam-se ao leitor como fator importante para a compreensão do texto.

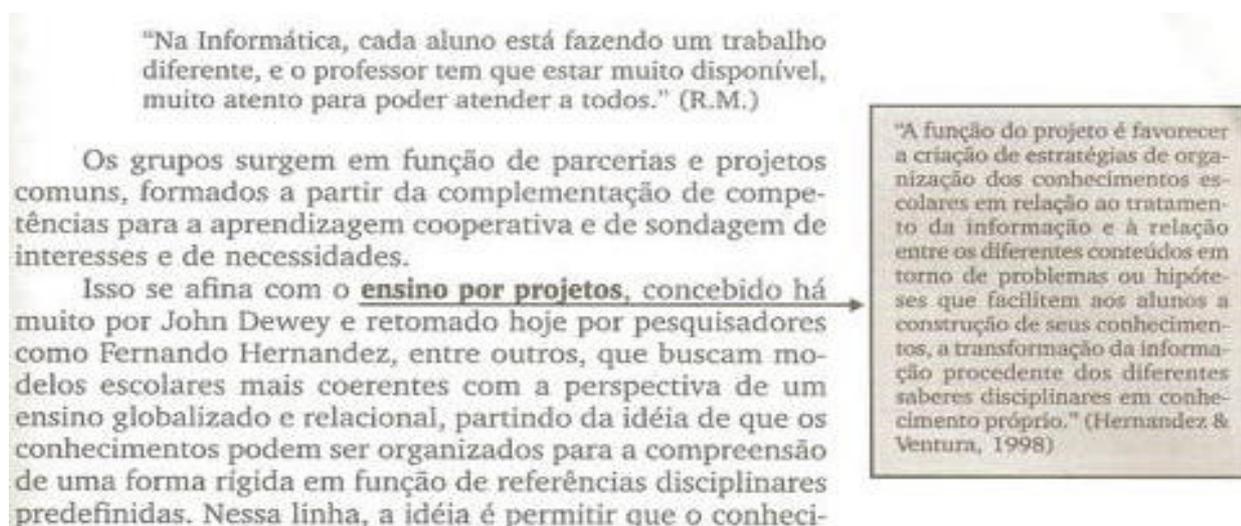


Figura III extraída do livro (RAMAL, 2002, p. 211)

No texto digital, o leitor não visualiza o que está por trás daquele link, isso ocorre somente ao clicar e aí encontra-se o desejo de descobrir, de saber o que está naquela outra página: outro texto, um vídeo, uma imagem, um som, são várias as possibilidades e não somente texto escrito ou imagens como no livro impresso. Os *links* digitais dessa maneira chamam mais a atenção do leitor. A figura abaixo é um exemplo de texto digital:

NOVA VERSÃO DA ANIMAÇÃO EM MASSINHA SOBRE SOFTWARE LIVRE

23 de Outubro de 2009, por Vicente Aguiar - Sem comentários ainda

Bem bacana a nova versão da animação em massinha sobre Software Livre. Nela é possível escutar com muito mais nitidez a narração da história sobre o software livre, junto com uma nova musiquinha de fundo. Apesar de gostar mais da trilha sonora da primeira, o resultado final dessa nova versão ficou muito legal e vale a pena compartilhar. Parabéns ao [Kretcheu](#) pela iniciativa e ao Ary Favero Jr pela locução! :-)

Para que todas/os possam comparar e tirar suas próprias conclusões, segue abaixo as duas versões:

VERSÃO 0.2



[Software Livre - Animação em massinha](#) from [kretcheu](#) on [Vimeo](#). Adaptação do [Kretcheu](#) e Ary Favero Jr.

ACESSIBILIDADE COM ORCA E GNU/LINUX

13 de Setembro de 2009, por Vicente Aguiar - Sem comentários ainda



Durante muito tempo existiu uma lenda (dentre muitas!) na área de informática que um computador com GNU/Linux no Brasil não era sinônimo de acessibilidade. Uma das razões para tal crença estava ligado ao fato de que muitas pessoas ainda não conheciam o leitor de tela para deficientes visuais denominado de [ORCA](#), do Desktop [GNOME](#) (ambiente desktop do GNU/Linux no qual o ORCA está inserido).

Contudo, graças ao esforço da equipe brasileira de tradução do Projeto GNOME, essa lenda urbana já está se diluindo. Afinal, juntamente com todo Desktop GNOME, o ORCA já é 100% traduzido para o português brasileiro e, assim, já pode ser utilizado por qualquer deficiente visual em nosso país que tenha

acesso a um computador com uma distribuição do GNU/Linux com o ambiente GNOME instalado.

Em especial, esse esforço de tradução só foi possível porque o principal responsável por esse trabalho com o ORCA é um deficiente visual, nascido na Bahia, de nome [Tiago Melo Casal](#). Além de revisar a tradução do Orca a cada lançamento de forma voluntária, Tiago usa o aplicativo todos os dias e está em contato com vários outros cegos que usam software livre no Brasil e no mundo. Para mostrar um pouco do trabalho realizado por Tiago, o ex-coordenador da equipe de tradução do GNOME Brasil - [Leonardo Fontenelle](#) - fez uma bela entrevista com ele, onde parte dela pode ser conferida abaixo:



Imagem: <http://softwarelivre.org/vicente>

Temos a possibilidade de escrever agora através de um teclado, apertando botões com os dedos, utilizando-se de editores de textos com vários ícones que oferecem diversas possibilidades para a escrita – tamanho das letras, tipo, cor, espaçamentos, revisão, inserção de imagens e sons, tabelas etc. Temos mais controle sobre o texto e tudo é feito de forma rápida e dinâmica. Vimos que a leitura e a escrita sofrem diversas modificações nos suportes digitais, ocasionando novas maneiras de lidar com texto e com a informação, pois segundo Costa:

Quanto ao ler (compreensão) e escrever (produção), a utilização de novas tecnologias exige outras atitudes e posturas, ou novas competências cognitivas (utilização ou leitura do teclado, escrever com o teclado, leitura de menus, de ícones, palavras-chave, aprender o “navegar-ler” etc.) (COSTA, 2005, p.12)

Dessa maneira, torna-se importante tentar apontar as possíveis vantagens e desvantagens que o suporte eletrônico pode proporcionar, para assim conhecer e poder explorar as possibilidades do meio digital.

2.3 VANTAGENS E DESVANTAGENS DA ESCRITA/LEITURA DIGITAIS

Esta parte do texto aborda as possíveis vantagens e desvantagens da leitura e escrita digitais, além da importância do hipertexto e da construção de uma escrita coletiva/colaborativa. Aponta os usos dos editores de texto que favorecem a produção escrita e trata também da problemática dos direitos autorais.

No nosso estudo encontramos diversos fatores levantados sobre as possíveis vantagens e desvantagens da leitura e escrita digitais.

Como vantagens, destacamos inicialmente a intertextualidade e a interatividade fortemente presentes na leitura/escrita eletrônica. O hipertexto digital é por natureza e essência intertextual, com seus *links* para outros textos e outras formas de linguagens. De acordo com Lévy:

[...] O hipertexto é dinâmico, está perpetuamente em movimento. Com um ou dois cliques, obedecendo por assim dizer ao dedo e ao olho, ele mostra ao leitor uma de suas faces, depois outra, um certo detalhe ampliado, uma estrutura complexa esquematizada. Ele se redobra e desdobra à vontade, muda de forma, se multiplica, se corta e se cola outra vez de outra forma. Não é apenas uma rede de microtextos, mas sim um grande metatexto de geometria variável, com gavetas, com dobras. Um parágrafo pode aparecer ou desaparecer sob uma palavra, três capítulos sob uma palavra ou parágrafo, um pequeno ensaio sob uma das palavras destes capítulos, e assim virtualmente sem fim, de fundo falso em fundo falso. (LÉVY 1993, p. 41)

De forma instantânea temos acesso a diversas informações, a qualquer hora do dia e de qualquer lugar. O leitor torna-se mais ativo e autônomo, ele é co-autor, pois escolhe o caminho de sua leitura. Afirma Fachinetti que:

O hipertexto constitui a base da Internet. Em outras palavras, ao acessarmos um *site*, por exemplo, escolhemos o caminho que desejamos seguir e, ao clicar o *mouse* em determinadas frases ou palavras, novos textos nos saltam aos olhos. Esta estrutura textual permite que o leitor, ao escolher a seqüência de leituras, seja co-autor do texto. (FACHINETTO, 2005, p.03)

O leitor/navegador define interativamente o curso de sua leitura a partir do que encontra no texto sem se prender a uma seqüência fixa ou a tópicos estabelecidos por um autor. Trata-se de uma forma de estruturação textual, com sistemáticas e progressivas escolhas do leitor/autor, que o torna simultaneamente co-autor do texto final. Dessa forma, a interatividade na rede é muito maior, pois além de construir seu trajeto de leitura, acessando *links*, o leitor/navegador tem a possibilidade de interagir com o próprio autor, fazendo críticas, modificando e reescrevendo concomitantemente. De acordo com Chartier:

O novo suporte do texto permite uso, manuseios e intervenções do leitor infinitamente mais numerosos e mais livres do que qualquer uma das formas antigas do livro. [...] O leitor não é mais constrangido a intervir na margem, no sentido literal ou no sentido figurado. Ele pode intervir no coração, no centro. (CHARTIER, 1998, p.77)

Através da internet o sujeito tem a possibilidade de se comunicar com qualquer pessoa, esteja ela em qualquer lugar do mundo. São diversas as opções de interação: salas de bate-papo, sites de relacionamentos, como o

Orkut e os *chats*, milhares de emails escritos diariamente, além do twitter, que permite aos usuários enviar e ler atualizações pessoais de outros contatos (em textos de até 140 caracteres). As principais formas de interação desses ambientes digitais acontecem por meio da escrita e da leitura. Chartier (1998) concorda com Levy (1996) nessa perspectiva de que o advento da internet ampliou a própria cultura escrita, pois a maior parte da comunicação on-line é feita através dela. Marcuschi (2001, p. 108) também afirma que: “[...] o meio eletrônico é mais avançado e mais promissor em termos de produção e veiculação de discursos na forma escrita.”

Ao falarmos da escrita digital não poderíamos deixar de colocar as diversas vantagens provenientes dos editores de texto. O escritor pode apagar, revisar, modificar, editar, armazenar e recuperar seus escritos, tudo de forma rápida e dinâmica. Costa afirma que:

Nesta perspectiva, podemos dizer que o espaço virtual permite ao usuário modificar o texto a seu bel-prazer: corrigir, cortar e colar, limpar, inserir, editar, formatar, movimentar elementos. Podemos ler e escrever ao mesmo tempo. Somos escreventes e escritores ao mesmo tempo. Escrever é ler. Ler é escrever. (COSTA, 2005, p. 05)

Há outras vantagens dos editores de texto, como a possibilidade de conferir a ortografia e sugestões de vocabulários, sem precisar abrir um dicionário a procura das palavras. Com um toque podemos obter sinônimos, antônimos, além de existir os corretores gramaticais que facilitam muito a escrita. Segundo Smith:

Os computadores ajudam todos a escrever – autores e secretárias, práticos e iniciantes, professores e alunos. E o que ajuda a escrever ajuda a promover a leitura. Não me referi aqui à composição de livros, de documentos complicados ou deveres escolares. Refiro-me também a todas as atividades do clube da alfabetização que podem e devem oferecer as oportunidades para aprendizagem em qualquer sala de aula que tenha como interesse a escrita e leitura de correspondência, rótulos, listas, anotações, memorandos, jornais, revistas, críticas, sumários, anúncios, planos, horários, receitas, com todo o tipo de construção possível da língua viva. (SMITH, 1999, p. 161)

Outra vantagem, considerada uma das mais importantes para a escrita, é a possibilidade que a internet traz da escrita coletiva-colaborativa “A comunicação interativa e coletiva é a principal atração do ciberespaço” (LÉVY,

2003, p. 196). Podemos escrever simultaneamente com outras pessoas em locais diferentes. Um dos exemplos usados para essa escrita interativa é o *Google docs*. Este permite que diversas pessoas escrevam um mesmo texto simultaneamente, além do ato de armazenar na própria rede esses conteúdos, os quais podem ser acessados através do endereço eletrônico e senha de qualquer computador que tenha acesso a internet.

Não há necessidade de levar um rascunho para que seja lido e comentado. Posso mostrar-lhe o que estou escrevendo simplesmente reproduzindo a minha tela na sua tela com um toque de uma tecla. Posso abrir a você todos os conteúdos da minha memória (em termos de computador, pelo menos). Você pode comentar o que eu escrevi, até propor modificações, sem interferir comigo ou ofender-me de maneira alguma. Posso considerar as suas sugestões enquanto você as faz, em minha tela. Se as suas sugestões me agradarem, posso aceita-las e se não, o meu texto original não terá sofrido alteração alguma. (SMITH, 1999, p. 161)

Portanto, são inúmeras as facilidades que a escrita eletrônica oferece, como as de revisão e modificação do texto: apagar, recortar, colar etc. Não perdemos tanto tempo e papel com rascunhos, tendo que recomeçar o texto diversas vezes. Sem falar das inúmeras possibilidades de circulação e compartilhamento do mesmo. Smith já previa essa forte interação na rede:

Todos nós estaremos mais unidos através da tecnologia eletrônica, queiramos ou não. Os leitores estarão mais próximos dos autores, os escritores dos editores, os alunos dos professores. Você não precisará esperar que o próximo romance de seu autor favorito seja publicado. Se o autor concordar, você poderá lê-lo enquanto ele está sendo escrito, compartilhando intimamente da excitação e da frustração da composição, da disciplina da revisão e da edição. (SMITH, 1999, p. 161-162)

Outra vantagem é o fato de que na internet escrever quase sempre coincide com a publicação do escrito. Nessa perspectiva de publicações, o autor ganhou mais liberdade de escrita e mais visibilidade nos seus trabalhos produzidos em rede. Outra vantagem do suporte digital é o baixo custo dos livros e documentos em formato digital, quando não disponibilizado gratuitamente. Um dos fatores para o barateamento é devido a ausência de intermediários na produção e comercialização, proporcionando maior interação do autor com o consumidor final, de alcance ilimitado através da Internet. Sem

contar que o leitor pode ter acesso a trabalhos de toda parte do mundo, inclusive com obras consideradas raras. Até mesmo o idioma deixa de ser obstáculo na busca do conhecimento, pois são muitas as ferramentas de tradução on-line dos escritos disponíveis na rede. Existe também a possibilidade de armazenar os livros ou inúmeros textos e transferi-los de um aparelho para outro sem a necessidade de descartar nenhum. “O surgimento da Internet concretiza a possibilidade de distribuição quase instantânea e sem papel de qualquer tipo de informação.” (SILVA, BUFREM, 2001 p. 03)

No entanto, muitos autores argumentam que por traz dessas vantagens encontram-se várias desvantagens que tiram o valor da era da informação virtual. Dentre elas, está a necessidade da eletricidade ou pilhas para poder ligar o equipamento e fazer sua leitura/escrita. A perda das informações é supostamente mais fácil de acontecer no formato digital.

O livro impresso tem na sua perenidade de registro da história da humanidade uma das suas vantagens sobre o livro eletrônico, pois os documentos produzidos em meio digital, ainda não garantem a longevidade de sua utilização, bem como, a perda de dados nesse tipo de mídia é muito maior que na mídia impressa. (SILVA, s.d, p. 13)

Outro fator bastante importante para os autores em relação ao formato eletrônico é a garantia dos direitos autorais. Nesse universo em que os escritos são facilmente acessados, lidos, reescritos e modificados coletivamente existe a problemática dos direitos de autoria. Atualmente, praticamente tudo está protegido pela lei de direito autoral. Essa lei reserva ao autor alguns direitos em relação à publicação da sua obra, como garantia e proteção ao investimento de produção, critérios de divulgação, circulação, tamanho da edição e remuneração. Entretanto, na internet essa garantia é, muitas vezes, violada, pois se torna cada vez mais fácil copiar e disseminar os escritos e até mesmo alterar as ideias do autor. Do ponto de vista da propriedade intelectual essa é umas das grandes desvantagens da publicação de trabalhos online.

É necessário observar, no entanto, que o direito autoral nasceu com o objetivo inicial de registrar patentes de grandes empresas que tinha interesse em assegurar informação e lucrar com a possível reprodução de sua ideia/produto. Assim, cada um que utilizasse aquela ideia/produto teria que

pagar uma porcentagem ao detentor dos direitos autorais. Como argumenta Paranaguá (2008), o que se observa claramente é um abuso da proteção desses direitos. Se por um lado o direito autoral visa garantir uma proteção do investimento de produção, por outro ele é a apropriação do conhecimento, limitando o acesso à cultura.

Uma das principais vantagens do livro/texto em formato digital é o seu acesso amplo e irrestrito através do barateamento dos produtos como já citado, mesmo eles sendo protegidos por direitos autorais tradicionais ou com a gratuidade, embora a sua autoria seja preservada por meio das licenças alternativas.

Como licenças alternativas temos o *Creative Commons*,⁴ que disponibiliza opções flexíveis de licenças que garantem proteção e liberdade para artistas e autores. Partindo da ideia de "todos os direitos reservados" do direito autoral tradicional (copyright) eles recriaram e transformaram em "alguns direitos reservados". Essas licenças abrangem um espectro de possibilidades entre a proibição total dos usos sobre uma obra e o domínio público. Portanto, auxilia o autor a manter seu direito autoral, ao mesmo tempo em que permite certos usos de sua obra.

Existe também o *Copyleft*, que é um tipo de licença para documentos que permite a sua reprodução livre, exigindo apenas referência ao nome do autor, garantindo o reconhecimento e prestígio da autoria. Diferencia assim, a autoria da comercialização do escrito, visto que o *copyright* serve mais como garantia para a lucratividade das grandes editoras ou uma forma de "mercantilização" da cultura. Por este motivo o *copyleft* talvez seja o mais adequado, pois visa o livre acesso à informação, uma cultura cada vez mais ampla e criativa, forte e participativa, mas assegurando o direito intelectual do autor, ou seja, identificando sua criação. Costa na tradução do livro, "Cultura Livre", de Lawrence Lessig, traz essa questão da batalha dos direitos autorais:

De um lado, os grandes monopolistas da informação procuram utilizar-se da força do copyright para barrar a inovação tecnológica e a potencialidade na divulgação da bagagem cultural da humanidade

⁴

<http://www.creativecommons.org.br/>

promovidas pela Internet. Do outro, existem as pessoas que procuram potencializar essa transformação, cujo potencial transformador só pode ser comparado ao do período do Iluminismo. (COSTA, 2004, p. 13)

A Free Documentation License (GFDL) ou *copyleft* forma parte do movimento GNU (Linux, Mozilla, etc.). Apesar de inicialmente ter surgido para ser aplicada à documentação do *software* livre, pode ser também aplicável a qualquer documento escrito, um livro ou um artigo.

Somente uma pequena parcela de autores consegue ter um sucesso tão grande que permita tirar vantagens do *copyright*. A maioria consegue viver do prestígio que dão as suas obras e que lhes permite realizar conferências, cursos ou escrever em jornais e revistas. Isto quer dizer que para a maior parte dos autores, o que é realmente relevante para aumentar o seu prestígio é que a sua obra chegue ao máximo número de leitores. Silva (2003, p. 36) afirma que: “A publicação impressa serve, hoje, mais como um fator de prestígio do que como um meio de disseminação de informações. A informação circula com muito mais rapidez no mundo virtual entre os pesquisadores do mundo inteiro.” Para um autor pouco conhecido o *copyright* atrapalha a difusão de sua obra. Nesta situação, as licenças alternativas no espaço virtual tornam-se uma vantagem, pois garantem o acesso ao conhecimento, à cultura para a população e para a difusão do trabalho do autor. De acordo com Branco:

Alternativas como as licenças copyleft, GPL – General Public License e Creative Commons trabalham na perspectiva da liberdade e compartilhamento do conhecimento, dando um sentido positivo e atual, sintonizado com as novas possibilidades criadas pela revolução digital. (BRANCO, 2005, s.p)

Percebe-se, contudo, que com a chamada era digital uma grande parcela da sociedade deixou de escrever manualmente para digitar, levantando-se a hipótese da perda de destreza da escrita em papel. Para muitos, seria mais uma desvantagem, mas é preciso considerar que isto acontece desde os primórdios de vida da humanidade, muita das destrezas que o homem tinha foi se perdendo e outras foram sendo desenvolvidas. Essa questão de perda e ganho faz parte do processo da evolução humana. Engels

(1986) aborda a questão e fala das adaptações físicas do homem nesse processo:

Concluimos, então que a mão não é apenas um órgão de trabalho; é também produto dele. Foi graças ao trabalho, pela adaptação a novas e novas funções, pela transmissão hereditária do aperfeiçoamento especial assim adquirido pelos músculos e ligamentos e, num período mais amplo, também pelos ossos; unicamente pela aplicação sempre renovada dessas habilidades transmitidas a funções novas e cada vez mais complexas foi que a mão do homem atingiu esse grau de perfeição que pôde dar vida, como por artes de magia, aos quadros de Rafael, às estátuas de Thorwaldsen e à música de Paganini. (ENGELS, 1986, pp. 21-22)

Ribeiro e Sayed (2009), em uma pesquisa realizada com sete crianças sobre as normas ortográficas da língua portuguesa através de experiências de letramento por meio de práticas reais de escrita no gênero digital endereço eletrônico, afirmaram que:

Outra grande conquista foi a desmistificação de que a prática da escrita no computador leva ao abandono do caderno de anotações. As crianças demonstraram durante as aulas que desejavam voltar à escrita manuscrita como também queriam navegar e explorar novas ondas do mundo infantil da internet. (RIBEIRO, SAYED, 2009, p. 205)

Soma-se a essa problemática, o cansaço ocular com a leitura na tela, a falta da portabilidade, de poder levar consigo o livro para qualquer lugar e ler na posição que considera mais confortável, em vez de sentada em frente ao computador. Além do fato de que assim como existe essa vantagem na incorporação de efeitos visuais, sonoros e outros, há o fato de o leitor no uso excessivo tirar a atenção do próprio texto. Até mesmo a infinidade de textos que o leitor encontra na rede pode ser considerada como desvantagem. Se não souber filtrar as informações relevantes para si, o leitor pode ser perder nesse labirinto. Segundo Silva (2003, p. 14) “Caso o leitor da linguagem virtual não seja seletivo frente ao imenso leque de ofertas da Internet, é provável que ele se perca nos labirintos da informação.” Por isso a importância do letramento digital; o leitor através do seu amadurecimento vai adquirindo essa competência; o sucesso da leitura depende primordialmente da compreensão e dos hábitos.

No entanto, o maior problema na leitura apoiada por suportes virtuais talvez seja a mudança de mentalidade. A existência do forte padrão cultural do

impresso parece imperar em muitos ambientes escolares e em muitas pessoas. Como escreve Ribeiro (2006, p. 03), “[...] qualquer desvalor conferido à leitura em tela tem mais relação com o nosso apego à cultura do impresso do que os novos suportes em si mesmo.”

Parece que essa realidade se altera significativamente com a chamada geração digital, a geração que nasceu inserida nesse processo e não terá esse apego a materialidade do livro impresso. “Sabe-se igualmente que os primeiros leitores eletrônicos verdadeiros não passam mais pelo papel.” (Chartier, 1998, p. 95). Assim, a escrita/leitura em ambientes digitais passa a instaurar uma nova cultura nos nossos tempos.

2.4 OS APARELHOS DE LEITURA DIGITAL

Neste tópico são discutidas características dos leitores digitais que começam a ser comercializados no Brasil e as mudanças que esses aparelhos podem trazer para renovados hábitos de leitura e escrita.

É preciso considerar que a tendência não é da leitura de livros/textos digitais serem feitos diretos na tela do computador, mas através de um aparelho portátil especializado para a leitura eletrônica. Em vários países esses aparelhos se tornaram bem comuns, pois armazenam centenas de livros e facilitam a portabilidade e a prática da leitura. Até há pouco tempo, no Brasil, para possuir um desses aparelhos era necessário buscá-lo nos EUA ou recorrer a importações. O produto começou a ser comercializado no país na segunda quinzena do mês de outubro de 2009. Portanto, ainda é muito recente e desconhecido pela maioria dos leitores brasileiros.

O leitor digital surge para resolver principalmente a questão da portabilidade e do cansaço ocular com a leitura na tela. Pode-se levar o aparelho para qualquer lugar, no avião, no ônibus e nos parques. Qualquer um pode fazer a leitura de variados tipos de jornais e revistas e, sobretudo, levar quantos livros desejar em um único dispositivo sem peso nenhum. A tela do aparelho é feita de um material agradável aos olhos, sem causar cansaço ocular. Através de *links*, um texto dentro de um livro pode ser facilmente

pesquisado e acessado em instantes, anotações podem ser feitas sem riscos ou rabiscos em páginas. Tamanhos e tipos de fontes podem ser ajustados à preferência. Imagens animadas e conteúdos multimídia podem ser incorporados, além de não possuir nenhum custo em papel e impressão.



Imagem: <http://colunas.epocanegocios.globo.com/tecneira/tag/kindle/>



Imagem: <http://colunas.epocanegocios.globo.com/tecneira/tag/kindle/>

Os principais modelos desses aparelhos, fortes concorrentes no mercado, são os aparelhos da Sony – o *Reader* – e o da Amazon - o *Kindle*.

A Sony começou em 2006, com o lançamento do Sony *Reader* PRS-300. De lá para cá foram quatro outros modelos lançados. O Sony PRS hoje tem tela de papel eletrônico com suporte a tinta eletrônica, resolução de 166 dpi, oito níveis de escala de cinza e dispensa energia para manter uma imagem estática. A interface do dispositivo é semelhante a do iTunes (reprodutor de áudio e vídeo) para a compra de livros da loja virtual própria da Sony. O leitor também é compatível com os formatos PDF, ePub, RSS, JPG, BBeB e até arquivos de áudio em MP3 e AAC.

O último modelo é o PRS-700, lançado em novembro de 2008, com tela *touchscreen*. É uma tela sensível ao toque, ou seja, além de podermos ver o que aparece na tela do aparelho, podemos tocá-la e ela responderá como se estivéssemos tocando nos objetos mostrados nela, é utilizada como um teclado virtual. Uma vez que a tela é *touchscreen*, os 10 botões laterais foram removidos e notas podem ser tomadas com maior facilidade. Os botões para passagem de página continuam, mas também é possível fazer isso através do *touchpad* (um dispositivo sensível ao toque utilizado para substituir o mouse). Com espessura de 9.7 mm e display de 6 polegadas, o Sony PRS-700 tem resolução de 170 dpi e escala de cinza de oito níveis. A memória interna é de 512 MB e para condições de luz baixa o Sony PRS-700 tem iluminação de LED (*Light Emitting Diode*) são fontes de luz de estado sólido, com baixíssimo consumo de energia.



Imagem: <http://www.baixaki.com.br/info/2557-leitores-digitais-conheca-mais-sobre-esses-aparelhos.htm>

O *Kindle* teve até hoje três modelos lançados no mercado. O primeiro modelo tem display de 6 polegadas e escala de cinza de quatro níveis, com 250 MB de memória, a qual armazena cerca de 200 títulos. O aparelho foi disponibilizado somente nos Estados Unidos e substituído pela segunda geração lançada em fevereiro de 2009.

Este segundo modelo veio mais sofisticado, o display passou a ter 16 níveis de escala de cinza com maior aproveitamento de bateria, atualização de páginas mais rápida, opção de *text-to-speech* (ou seja, leitura do texto em voz alta) e espessura reduzida para 9 milímetros. A memória saltou para 2 GB, aumentando a capacidade para cerca de 1500 livros. Mesmo com o *Kindle 2* ainda como uma novidade, a Amazon anunciou em maio de 2009, a terceira geração do dispositivo: o *Kindle DX*.

Esta versão apresentou uma série de novidades modernas para tornar a leitura de jornais, revistas e, principalmente, livros didáticos mais confortáveis. A orientação das páginas é alterada automaticamente conforme a posição do dispositivo nas mãos do leitor, permitindo ver o texto na horizontal ou vertical e acomodá-lo em uma posição confortável para canhotos. A espessura foi novamente reduzida, desta vez para 8.5 milímetros e a memória aumentou para 4 GB, podendo armazenar agora cerca de 3500 títulos. O display antireflexo e com suporte a tinta eletrônica tem 9.7 polegadas e resolução de 1200x824 pixel. A bateria dura até quatro dias com conexão sem fio ou duas semanas *offline*. Isso significa ler mais de 7 mil páginas. O *Kindle DX* tem suporte nativo a arquivos de PDF, caixa de som estéreo e segunda opção de conexão WiFi quando a conexão padrão não estiver disponível. Nas figuras abaixo estão a versão do *Kindle 2* e o *DX*.

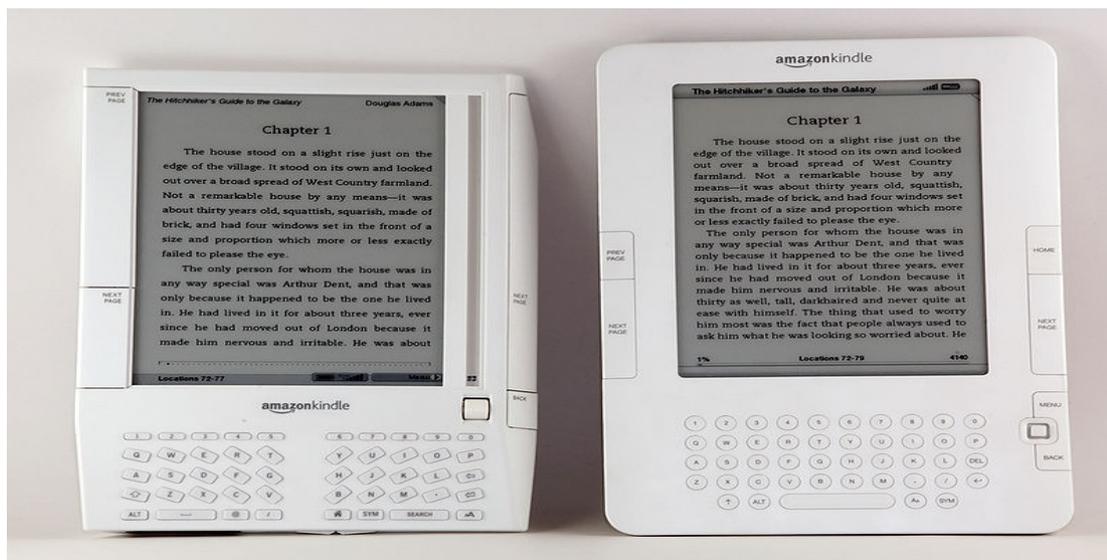


Imagem: <http://www.baixaki.com.br/info/2557-leitores-digitais-conheca-mais-sobre-esses-aparelhos.htm>

A versão do aparelho que chegou ao Brasil foi o da Amazon, o *Kindle 2*. Apenas algumas alterações internas foram feitas para que ele pudesse acessar a rede global da operadora AT&T, chamada *Whispernet*, que ficará responsável pela transmissão do conteúdo.

A grande discussão no mercado editorial brasileiro no momento diz respeito às negociações entre as editoras e as empresas que produzem e comercializam esses leitores digitais para que os livros sejam disponibilizados em versão eletrônica, compatíveis com esses aparelhos. Esses acordos englobam debates sobre direitos autorais, preço dos livros em versão eletrônica e mesmo a disponibilidade de grande parte do catálogo das editoras gratuitamente. Sony e Amazon querem exclusividade. As editoras brasileiras negociam em bloco e recusam licenças apenas para uma empresa. Por enquanto poucos títulos estão disponíveis, mas é grande a expectativa do mercado em relação a tais acordos.

Muitos acreditam que a chegada dos leitores digitais, especialmente do *Kindle*, ao Brasil pode transformar para sempre o modo de leitura dos brasileiros:

Mais do que um equipamento munido de uma tela e capaz de guardar 1.500 arquivos digitalizados, o *Kindle* representa uma revolução no modo como lemos. Ele representa uma possível união entre a universalidade prometida pela internet e a privacidade oferecida pelo livro. É essa transformação que vai mudar a forma como consumimos

livros, jornais e revistas. A partir de agora, entramos em uma nova era de acesso ao conhecimento. (FERRARI, DEODATO, PEREIRA, 2009, s.p.)

No Brasil, os usos desses aparelhos serão inicialmente discretos, principalmente devido ao alto custo para sua aquisição. No entanto, a tendência é que ele se torne cada vez mais acessível à população. O *Kindle* tem o potencial para quebrar a relação que estabelecemos com o papel a mais de 500 anos, pela facilidade de uso, portabilidade e pelo conforto da tela. Segundo Ferrari, Deodato e Pereira (2009) “é uma revolução parecida com a catalisada pelos primeiros iPods. Antes deles, já havia formatos de música digital. Mas foi preciso um aparelho charmoso, acessível e fácil de usar, ligado a uma loja digital, para desvincular a música dos CDs.”



Imagem: <http://colunas.epocanegocios.globo.com/tecneira/tag/kindle/>

Alguns críticos afirmam que não existe expectativa de que os livros eletrônicos substituam as versões em papel em curto prazo. Outros chegam a assegurar que os livros são tão bons que é impossível superá-los dentro de seu formato. Giron (2009) faz um relato das suas experiências com o aparelho leitor digital ressaltando os aspectos negativos:

Em primeiro lugar, ele instala a nostalgia do livro tão logo você começa a usá-lo. Em segundo, convence você de que tudo antes estava errado, ou era vagaroso demais. Em terceiro, sugere que o leitor pule de um título para outro, como uma cabra cega, igualzinho ao que a gente faz com a música, de tanta à disposição você não presta mais atenção a nenhuma delas. E não gostei nada, nada, apesar da possibilidade de tê-lo ao mesmo tempo que o público americano. É difícil, por exemplo, ler um *kindle* em situação mais relaxada, no banheiro, no sofá ou em uma espreguiçadeira ao sol. Testei várias situações, e foi terrível. (GIRON, 2009, s.p)

Contudo, ele afirma se tratar de uma evolução do suporte escrito e em breve teremos mais leitores adeptos aos aparelhos portáteis, especialmente as novas gerações, que não sentirá o desconforto, porque já nasceram envoltos dessas tecnologias.

Sonho com a inocência de um livro de novo, no papel de novo, mas sei que é impraticável: mesmo o livro no papel não é mais novamente, ele já rastreia a sua versão eletrônica, e sabe que ela existe, ele sabe que não vai voltar atrás. O livro em papel não é mais a imagem prístina do papel. É impuro e adquiriu a consciência de não ser mais a única versão possível. (GIRON, 2009, s.p)

Ferrari, Deodato e Pereira (2009), adeptos do aparelho portátil, afirmam que: “O *Kindle* é melhor que livros de papel em muitas coisas, e as novas gerações, que já crescerão com Kindles, saberão escolher quando usá-los, sem ficar na defensiva por conta de seus preciosos livros de papel, com seus cheiros e suas texturas.”

Para Espilotro (2009), diretora do Globo Livros, a nova mídia digital poderá aumentar a leitura entre os jovens. Ela afirma em uma reportagem para a revista *Época* (2009) que: “Eles já nasceram com tecnologia. Convivem com celular e internet. Serão facilmente atraídos para uma compra de livro digital. Os que não liam com tanta regularidade poderão se interessar pelo livro eletrônico e ganhar mais hábito de leitura por causa dele”.

É importante esclarecer que esse aparelho leitor é denominado de livro eletrônico, em língua inglesa *e-book*. No entanto, encontramos outros conceitos designados para essa palavra, como o conteúdo disponibilizado na Internet para *download* em um computador.

Vêm surgindo também outras denominações e conceitos como e-livro e ciberlivro, sendo o primeiro a simples migração de uma obra que já existe em papel para a internet, e o outro um texto hipermediático, ou seja, com *links*, animações ou sons. A tendência é que os livros digitais não sejam somente a transposição do impresso para o digital, mas que ele ascenda as possibilidades que o meio eletrônico oferece.

O aparelho leitor digital tem a vantagem dos livros digitais serem mais baratos que o convencional, sem contar as diversas obras que estão sob domínio público, ou seja, encontram-se disponíveis gratuitamente. Temos o Projecto Gutemberg, uma iniciativa de sucesso para a criação do conteúdo digital, desenvolvido em 1971, por Michel Hart. A proposta era a de criar uma biblioteca com a versão eletrônica de livros do domínio público sem direitos de autor ou cujos direitos já expiraram. Ele oferece também trabalhos traduzidos para o português. No Brasil temos o site do Domínio Público que abriga várias obras de destaque da literatura nacional. O *Google* também disponibiliza livros digitais, o Google Book Search, sendo que nesta plataforma apenas os livros livres de direitos de autor estão disponíveis para *download*. No caso dos livros protegidos por direitos de autor, gratuitamente só se tem acesso a uma parte do livro *online*.

Logo, temos a opção de realizar a leitura digital em um computador, no laptop, em um aparelho MP4, MP5 e no aparelho de leitura digital. É amplo o leque de opções, caberá ao leitor escolher a forma mais agradável ou apropriada no momento da sua leitura.

3 CIBERLEITORES E CIBERAUTORES, SUAS EXPERIÊNCIAS DE LETRAMENTO DIGITAL

3.1 A PESQUISA

Este tópico traz os objetivos para a realização da pesquisa empírica e a forma de aplicação do questionário.

Recorremos aos procedimentos de uma pesquisa qualitativa com a finalidade de ouvir e registrar as opiniões, as posturas e os comportamentos dos integrantes do grupo de pesquisa GEC. Os objetivos foram:

1. Identificar seus hábitos como ciberleitores e ciberautores;
2. Perceber de que maneira a participação no grupo de pesquisa contribuiu para aumentar seu nível de letramento digital;

3. Compreender quais modos de construção, reorganização e assimilação de novos referenciais cognitivos dos processos de leitura e escrita de textos em formato eletrônico foram criados, bem como a cultura e os comportamentos oportunizados por essas experiências;

4. Analisar de que formas as TIC passaram a fazer parte do seu cotidiano, favoreceram sua participação ativa, criativa e autônoma na cultura digital.

Para atingir esses objetivos, o questionário foi enviado para as duas listas de discussão⁵ do grupo, dando assim oportunidade para os que já se desligaram participar. Enviamos uma carta convite solicitando a colaboração. O levantamento das informações ocorreu no período de 16 de setembro a 12 de outubro de 2009.

3.2 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Este tópico apresenta a análise do resultado da pesquisa empírica e os hábitos dos ciberautores e ciberleitores. Traz fragmentos das respostas obtidas através do questionário.

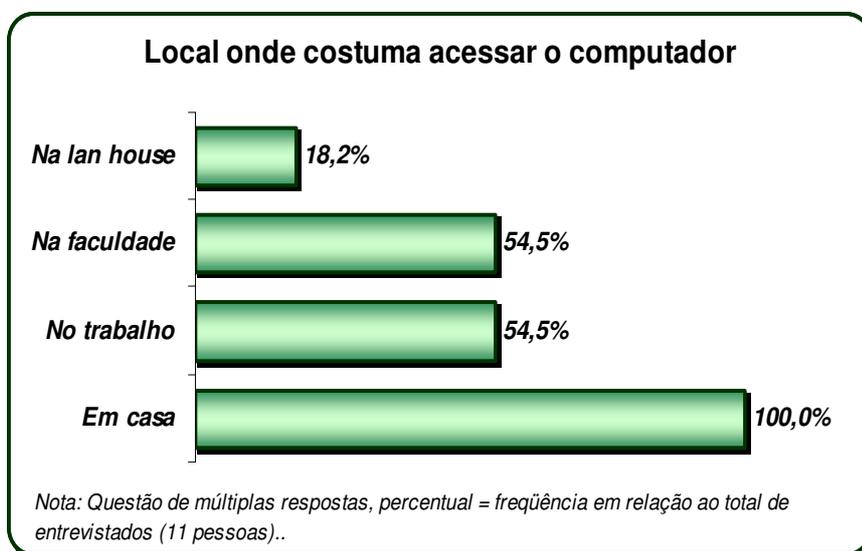
Ao enviar o questionário obtivemos uma pequena participação do grupo. O pedido de colaboração foi enviado várias vezes para as listas, no entanto, foram poucas as respostas, onze⁶ no total, sendo seis respostas de alunos da graduação, dois do mestrado e três do doutorado. Mesmo com poucas respostas, consideramos o número suficiente para um estudo qualitativo.

Como resultado, destacamos os aspectos mais relevantes para a compreensão dos hábitos e práticas de leitura/escrita de livros/textos em

⁵ O grupo tem uma política de manter duas listas de discussão no site do Yahoo. Uma seria mais fechada, para discutir planejamentos e problemas internos do grupo. A outra para oportunizar aquelas pessoas que não estão mais ativamente participando das atividades do grupo, de interagir com as discussões sobre educação e tecnologias, divulgação de eventos, materiais bibliográficos etc.

⁶ Os entrevistados receberam o número de 01 a 11 e é pelo número que identificamos as respostas de cada um deles.

versão eletrônica dos integrantes do grupo. Nas primeiras questões, de aspectos mais gerais, ficou evidente a familiaridade que os entrevistados possuem com as tecnologias. A maioria faz uso cotidiano dos diversos aparelhos eletrônicos além do computador, tais como: MP3, MP4, MP5, caixa eletrônico de banco, aparelho de micro-ondas, telefone celular, aparelho de som, CD player, câmera fotográfica digital, dentre outros. Quanto ao acesso ao computador e a internet, todos responderam que acessam principalmente em casa, no trabalho e na faculdade. Um dado importante a ser destacado é que todos que participaram da pesquisa possuem computadores em casa.



Ao fazer a pergunta: “Você considera que ao ingressar no grupo de pesquisa (GEC) ampliou seus usos das tecnologias?” A maioria afirmou que sim. Segundo os entrevistados, o grupo proporciona um contato maior com as tecnologias e suas pesquisas estão envolvidas com o tema. “Este grupo me proporcionou o contato com tecnologias que eu não tinha acesso, mesmo sendo aluna da faculdade” afirmou o entrevistado (06). O entrevistado (02) coloca que: “A própria pesquisa e os temas estudados favorecem maior contato.” Foram ressaltadas as dinâmicas dos grupos⁷ de estudos, o

⁷ Dentro do grupo de pesquisa realizam-se pequenos grupos de estudos. Duas ou mais pessoas se juntam e formam um grupo de estudo de acordo com o tema que deseja estudar. Fazem a leitura de

envolvimento com as oficinas realizadas nas disciplinas oferecidas pelos professores do grupo, as reuniões semanais em que são discutidos os projetos, as pesquisas realizadas que favorecem o envolvimento com as tecnologias e a socialização das informações que enriquecem a formação do estudante. De acordo com o entrevistado (08):

Com certeza, a presença no grupo, me fez ver e compreender o uso das tecnologias por outra vertente. Principalmente no que diz respeito as possibilidades de uso das tecnologias na educação. Estes quando não usados apenas enquanto ferramentas.

Esse fragmento demonstra que participar do grupo de pesquisa amplia a visão em relação aos usos das tecnologias na educação, assunto sempre debatido pelo grupo. Apoiando essa afirmação o entrevistado (11) salienta que:

Meu ingresso no GEC ampliou os usos das tecnologias, em função, especialmente da ampliação da consciência sobre as dimensões desses usos, sejam nas políticas públicas, projetos, programas ou recursos disponíveis para esses usos. Essa percepção transforma em si as próprias potencialidades.

Existe uma exigência da participação em diversos ambientes virtuais, como blog, *moodle*, entre outros, permitindo uma interação maior com as tecnologias, além do fato das próprias pesquisas individuais exigirem a busca de informação pela internet.

Participar da dinâmica de lista de discussões, blog, chat, moodle etc. Todos esses ambientes me impulsionaram a ter uma interação maior com uso das tecnologias, sem falar nas pesquisas que desenvolvo que de alguma forma me faz pesquisar o tempo todo na internet. (09)

São respostas que evidenciam a importância do grupo para o aumento do nível de letramento digital das pessoas envolvidas.

Quanto a considerar-se como pessoas que possuem o hábito de ler, muitos afirmaram que sim, devido principalmente a exigência da formação.

uma referência bibliográfica ou diversos textos sobre o assunto em destaque. Os resultados de cada grupo de estudo devem ser apresentados para o grupo GEC inteiro.

Outros colocaram que lêem nos momentos de ócio não somente textos científicos.

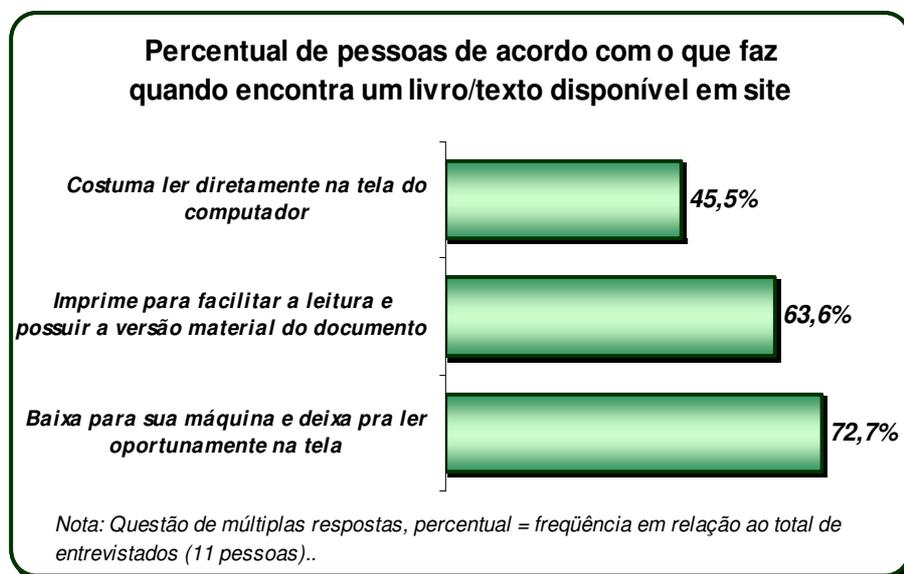
Sempre tive o habito de ler revistas, livros entre outros. Durante o período de graduação esse habito aumentou devido a necessidade de leitura solicitada pelos professores, no entanto não fico restrita apenas a leitura para os estudos mas também de outros materiais. (04)

E mais:

Primeiro pelo fato de ser estudante, isso me exige leituras. Depois pelo próprio grupo de pesquisa onde escuto o professor falar tem que ler, tem que ler, e por último criei esse hábito para ter um ócio construtivo, quando to ansiosa, ou até mesmo quando encontro alguma leitura que me prenda, só consigo parar no final. (01)

Este salienta mais uma vez a importância do grupo de pesquisa na sua formação. Quanto aos tipos de materiais escritos lidos no dia a dia, a maioria apontou os livros, revistas e artigos.

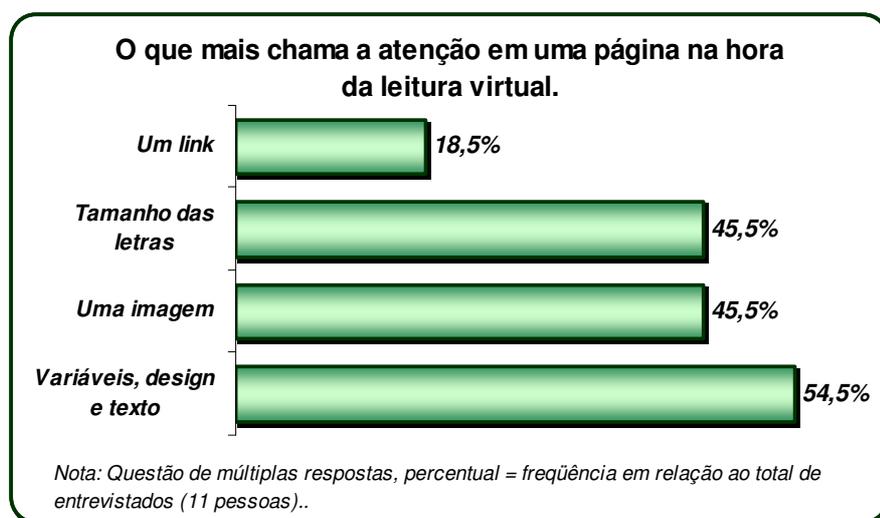
Com relação à leitura digital, todos responderam que lêem no ambiente diariamente notícias de jornais e revistas on-line. No entanto, ao encontrar um livro/texto acadêmico do seu interesse, o mais comum é baixar o texto e imprimir, mostrando ainda a presença dos hábitos da leitura impressa.



A pessoa que baixa para ler depois argumentou: “Geralmente baixo e salvo para ler oportunamente, pois nem sempre dá para ler tudo que encontro. Muita coisa interessante aparece” (07). O entrevistado número (08) afirma que:

“Depende. Como já havia comentando antes, eu gosto de ler a versão impressa, no entanto se é algum romance acabo por ler na tela mesmo.” Outro que costuma imprimir argumenta que: “Na verdade eu utilizo os dois recursos, quando estou em casa costumo ler diretamente na tela, mas faço a impressão para também ler no ônibus” (09). O que nos remete para a questão da portabilidade. Um dos que prefere ler diretamente na tela salienta “Leio na tela, às vezes baixo para o mp4, às vezes salvo e vou lendo aos poucos. Desde que entrei no GEC esse hábito foi sendo ampliado” (01) Mais uma vez o grupo de pesquisa é destacado como um agente de mudanças de hábitos, principalmente envolvendo as tecnologias.

Para entender o processo da leitura digital pelos integrantes do grupo foram feitas diversas perguntas, dentre as quais iremos destacar algumas: “O que mais lhe chama atenção numa página, na hora da leitura virtual?”



Ficaram bastante divididas as respostas, mas os entrevistados valorizam a imagem e o tamanho das letras e, principalmente, a configuração do texto e o design.

Em qualquer mídia, o que mais me chama a atenção é a imagem, e a forma como se apresenta o texto. Acredito que formatação e suavidade de cores tornam o texto mais agradável de ler. Não gosto de textos escuros e com letras pequenas. (08)

Em relação a mergulhar nas infinitas possibilidades interativas do espaço virtual, acessando links, pulando páginas para outro texto, um vídeo,

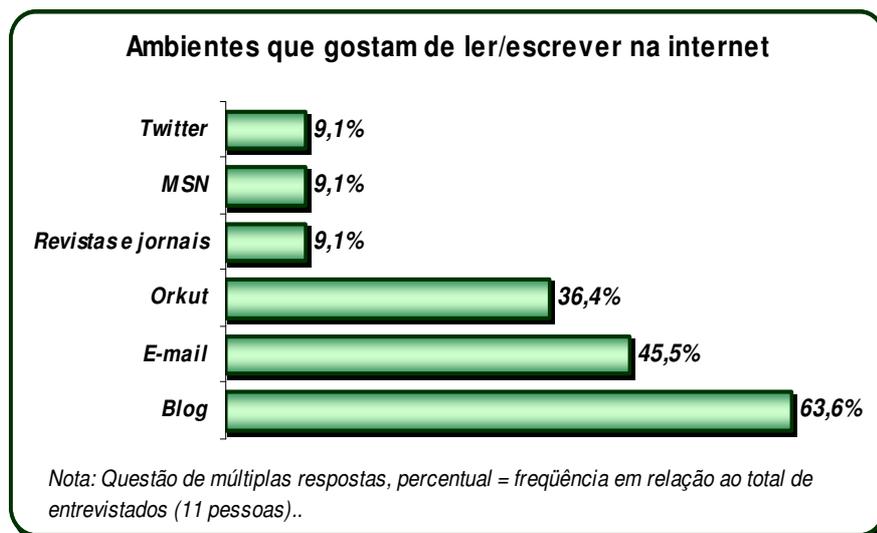
uma música etc., a maioria respondeu que faz uso dessas possibilidades com frequência e que dificilmente realiza uma leitura linear na tela.

Acesso tudo que aparece, tomando cuidado para não me perder na minha pesquisa. Mas gosto de desfrutar dessa vantagem que o texto digital oferece em relação ao livro impresso. Gosto de poder, dentro de um mesmo texto, ver vídeos, ouvir músicas, acessar outras páginas correlacionadas. (07)

Outro participante respondeu: “Nada linear. Mesmo que seja um livro ou tese que não tenha links, sempre vou em outras páginas, seja para procurar palavras desconhecida ou para dar uma olhada nos emails ou fazer outra coisa em paralelo com a leitura” (04). Outro fragmento que evidencia a realização da leitura não linear foi o do entrevistado (09): “Eu sempre faço a leitura com várias outras abas abertas: uma com dicionário, outra com site de busca, para ir buscando outras informações”. No entanto, houve aqueles que afirmaram realizar sua leitura linearmente ou que depende muito dos objetivos da sua leitura. “O único texto que li em hipertexto foi na Wikipédia, mas me detive a informação da primeira página” (06). Fica claro que apesar do suporte eletrônico oferecer várias possibilidades de interatividade e de intertextualidade, alguns ainda recorrem aos hábitos da leitura linear dos livros/textos impressos.

Em relação às habilidades que precisaram desenvolver para essa leitura/escrita digital obtivemos as seguintes respostas: quebra da leitura linear; perda do hábito de rabiscar os textos e passar a fazer sempre um resumo também digital; a técnica para uma leitura mais dinâmica; a prática de navegação e usos de sistemas de buscas, além do próprio hábito da leitura na tela. Como se pode perceber são habilidades que precisam ser desenvolvidas pelo leitor/navegador, por isso a importância do letramento digital.

O principal ambiente para a escrita eletrônica ressaltado pelos integrantes do grupo foi o blog. Logo, percebe-se que esse espaço é um dos mais usados, seguido do e-mail e do Orkut.



Todos afirmaram a importância da leitura digital para sua formação:

A leitura e escrita virtual é muito importante para a minha formação. A possibilidade de encontrar textos na internet, sem que eu precise comprar os livros, e de encontrar sobre os mais diversos temas muito rapidamente. Além de poder colocar no ar meus textos acadêmicos (ou não) sem muitas dificuldades e obtendo respostas instantâneas. (07)

Ao ressaltar uma das vantagens do suporte eletrônico, o acesso amplo a informação, o entrevistado (08) colocou que:

Enquanto estudante e futura profissional da educação, acho que este hábito serão determinantes na minha profissão. Não existe volta, o próprio português tende a mudar, assim como outros tipos de relação da aprendizagem irão mudar. Primeiro por que o avanço das tecnologias na sociedade contemporânea é um caminho sem volta.

Em relação às dificuldades na leitura digital foi ressaltado o cansaço físico e ocular, pelo fato de ter que ficar muito tempo na mesma posição e, sobretudo, a falta de hábito. Entretanto, a maioria afirmou que passou a ler e escrever mais ao inserir-se no ciberespaço.



Um deles colocou que “A questão é que as informações ficam mais acessíveis, portanto, não tem como não ler mais! A leitura na cibercultura é uma consequência desse acúmulo de informações” (09). Outro argumento apresentado para o aumento da leitura e da escrita foi: “[...] Os diversos emails escritos e recebidos diariamente, a interação nos blogs, as pesquisas e os sites de relacionamentos comprovam isso” (07).

Um dos hábitos identificados foi a constante busca de matérias em bibliotecas virtuais, domínio público, *scribd*, entre outros. “Acho excepcionais as bibliotecas virtuais. Principalmente quando estas nos permitem *download* completo dos livros. O acesso ao livro *online* facilita muito nossa vida quando precisamos de uma pesquisa” (08). Foi ressaltada também a vantagem de encontrar materiais de forma rápida e sem custo.

Ao serem indagados sobre as vantagens e desvantagens da leitura/escrita digital, surgiram vários aspectos que destacam principalmente os benefícios que o suporte pode oferecer, como: agilidade na pesquisa; a leitura não linear, vasta oferta de materiais; acessibilidade; baixo custo; interatividade; velocidade; dinamismo; textos hipermidiáticos, hiperlinks; uso de citações sem precisar digitar; busca de assuntos no texto sem precisar ler parágrafo a parágrafo; armazenamento; praticidade e a possibilidade de aumentar o tamanho de fontes das letras. “Com a possibilidade de *download* na rede, posso “emprestar” o livro sem me preocupar com devolução, quando os livros

tiverem muitos velhos na biblioteca é uma possibilidade de não precisar manusear. Então existe mais facilidade na pesquisa” destacou o entrevistado (08).

Quanto às desvantagens, foi colocada a questão da falta de acesso a maioria da população, ocorrendo, neste caso, não uma desvantagem do suporte, mas uma questão de exclusão social fortemente presente na nossa sociedade e em diversos aspectos, como na educação, no trabalho e na moradia digna, acarretando na falta de acesso a diversos bens que lhe são de direito. Este é um ponto bastante complexo que envolve barreiras e interesses políticos e econômicos, distorcendo esse processo e priorizando o acesso à tecnologia das classes sociais mais altas.

As diferentes desvantagens apontadas são: falta da materialidade do livro; exposição dos olhos na tela; insegurança para autores na questão do direito autoral; a portabilidade de não poder levar para qualquer lugar (devido à inacessibilidade no momento dos aparelhos para *e-book*) e o cansaço da posição em frente ao computador.

Em relação à escrita coletiva/colaborativa, a maioria afirmou ser uma prática enriquecedora e muitos já obtiveram essa experiência:

Trata-se muito mais que a escrita de um texto. É preciso que haja o exercício da alteridade, do respeito às idéias do outro, da coerência de por suas idéias em discussão e até entender que é preciso abrir mão delas. É fundamental que se compreenda que o que você escreveu não é seu, que para aprimorar o que está sendo produzido outro pode trabalhar em cima do que você havia feito, gerando algo novo. (03)

A maioria também já publicou trabalhos na internet além dos blogs, como no site do GEC e em revista digitais:

Minhas descobertas de pesquisa sempre estiveram presentes no meu blog [...]. O texto deixa de ser meu ou seu e passa a ser de todos. [...]. Acredito ser fundamental socializar aquilo que esta sendo construído na academia, até porque, não tem sentido desenvolver pesquisas e armazená-las nas prateleiras sem divulgar os resultados. [...]. Mais uma vez venho reforçar a necessidade de democratização e socialização do conhecimento. (09).

Quanto à questão dos direitos autorais, todos compreendem a importância de disponibilizar na rede as informações pela democratização do

acesso à cultura. Um deles pela primeira vez apontou o tema do *software* livre, que é uma bandeira defendida pelo grupo de pesquisa:

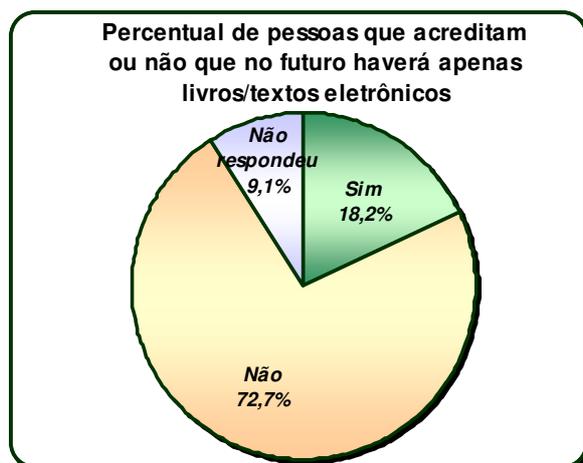
Essa também é a filosofia do *Software* Livre, o retorno financeiro não vem de imediato, porém, enquanto pesquisadores precisamos trocar com nossos pares, divulgar o que estamos construindo, pois só assim seremos referenciados. O compartilhamento da informação é um dos princípios do *software* livre e também precisa ser um dos princípios do campo educacional. (09).

Posições como estas colocam a necessidade dos autores repensarem uma forma de suas publicações gerarem lucro, entendendo que a difusão do conhecimento é fator essencial. “Esse é um universo em transformação, publicações de grande difusão devem surgir e outras formas de remunerar esses trabalhos também” (02). O entrevistado (08) argumenta que:

Numa sociedade capitalista acredito que para muitos o dinheiro se torna mais importante que somente divulgar o conhecimento. Mas acredito que se bem estabelecido, existem mecanismos desta pessoa ao mesmo tempo em que divulga seu trabalho na internet também ganhar de outra forma. Uma dela é que com a divulgação de seu trabalho, inúmeras pessoas poderão acessar e com isso este ser chamado para palestras [...].

Ao questioná-los sobre a importância da leitura/escrita digital para suas pesquisas em desenvolvimento e suas atuações pedagógicas, todos afirmaram serem indispensáveis, seja no acesso a elementos novos sobre a pesquisa, como trabalhos de diversas partes do mundo possibilitando o acesso a matérias improváveis sem a internet, seja no compartilhamento das suas produções, recebendo respostas imediatas. Todos disseram que essas práticas ampliam os horizontes de suas atuações pedagógicas, pois são multiplicadoras da cultura digital, favorecendo o letramento digital da sociedade.

Em relação à substituição de livros/textos impressos pelos eletrônicos, a maioria afirmou que não acredita nessa substituição, ou pelo menos espera que ela não ocorra.



Muitos colocaram que o impresso nunca deixará de existir, por causa do forte apego cultural ao papel. Os que defendem a existência do livro impresso, afirmam que mesmo que a leitura e a escrita eletrônica passem a imperar na sociedade, sempre existirão colecionadores. Outro ponto levantado é a questão do nosso processo de inclusão digital ser ainda lento, o que leva a falta de acesso aos conteúdos digitais. Por isso a importância da existência do impresso, como uma opção viável de acesso ao conhecimento.

Não é não desejo isso! Não é porque inventaram o avião que deixei de andar de carro. Paulo Freire sempre defendia que precisamos do novo e do velho, que precisamos ser críticos no uso e apropriação das tecnologias. A cada contexto um desses recursos será apropriado, as vezes o que não serve para meu contexto, serve para aquela população lá no interior da Bahia. Além disso, precisamos considerar que a cultura da leitura impressa é algo construído a séculos, e não precisa necessariamente ser substituída, e sim, que exista as duas possibilidades, o impresso e o digital, daí a população terá a possibilidade de escolha. (09).

Um dos que acreditam nessa substituição argumentam que: “Estes surgirão como evolução natural das tecnologias e com o aumento do volume de conteúdo digitais” (02)

Essas respostas apontam que os entrevistados estão inseridos na cultura digital, apresentam considerável nível de letramento digital e seus hábitos na rede potencializam as práticas de leitura e escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das características apresentadas para o letramento digital, como saber selecionar e avaliar as informações, identificar e solucionar problemas, trabalhar em grupo, comunicar-se, criar e publicar, e tendo como base as respostas que obtivemos do questionário, chegamos a uma conclusão. Notamos que a maioria dos entrevistados é composta por sujeitos habilitados

na leitura de muitos gêneros textuais, possuem um bom nível de letramento, com formação superior e amplo acesso à Internet. Além disso, são produtores de textos, conhecedores dos ambientes impressos e digitais e fazem uso cotidiano das diversas tecnologias, como a leitura e escrita eletrônica. O nível de letramento digital está associado principalmente a sua inserção no grupo de pesquisa GEC, quando não a sua própria alfabetização digital.

O que podemos observar com o estudo é que, de fato, a escrita se tornou sobretudo digital. Hoje quase todos os trabalhos escritos são feitos pelos editores de textos digitais. Passou-se a ler e escrever mais intensamente com a internet e a difusão dos trabalhos de pesquisa acadêmica ampliou, aumentando o acesso ao conhecimento.

Com a minha inserção no GEC, passei a fazer uso da internet diariamente. E fazendo uso desta mídia cotidianamente posso afirmar que tornou-se um hábito a leitura. Concordo com Mario Prata quando diz que somos uma geração de futuros escritores... Estamos lendo muito mais que há tempos atrás... Pois a internet, referindo-se a um chat, está fazendo com que nosso primeiro contato seja com a escrita, antes mesmo de conhecer alguém. (8)

O grupo de pesquisa GEC possui um papel ativo no processo de letramento digital dos seus integrantes. As dinâmicas de estudos e apresentações dos trabalhos em desenvolvimento, os projetos amplos que envolvem a todos os membros, como o Tabuleiro Digital e atualmente o Ripe, as oficinas realizadas, a integração do grupo, os ambientes virtuais que precisam ser acessados e (re)construídos pelos componentes através de uma criação coletiva/colaborativa, favorecem a qualidade dos usos das tecnologias no cotidiano dessas pessoas. Tudo isso amplia o olhar sobre ela, passa-se a participar com autonomia e criticidade no ciberespaço, criando e contribuindo ativamente na evolução das TIC, agindo não como um simples usuário. Por este motivo há o incentivo pela democratização da informação e do acesso às TIC por meio do uso do *software* livre.

A leitura, aos poucos, também está se concentrando na tela. Cada vez mais pessoas optam pela leitura digital, levadas pela facilidade e rapidez no acesso ao conhecimento, pela leitura ativa e dinâmica, na qual o leitor torna-se também autor, constrói seu caminho e mergulha no oceano de informação que

é a internet. Cada um pode viver intensamente as inúmeras possibilidades de interação e de intertextualidade em um texto hipermidiático. Com isso, as desvantagens que são colocadas pelos entrevistados, ou aquelas levantadas através da pesquisa bibliográfica, como a questão da portabilidade e do cansaço ocular e físico pela posição em frente a tela, rapidamente podem ser solucionadas pelo barateamento e acesso dos aparelhos portáteis de leitura digital.⁸

O que se torna mais difícil de mudar, mas não impossível, são os hábitos das pessoas. O principal argumento apresentado contra a leitura digital sempre recai na questão do prazer material (táctil, espacial e olfativo), o qual só é alcançado através da leitura de um livro impresso. O fato da materialidade, do apego cultural ao formato do livro impresso impera. No entanto, parece que futuramente esse apego poderá não existir quando as pessoas estiverem bem integradas com a geração digital. Logo, percebe-se que o debate envolve questões de costumes e diferenças de geração.

Atualmente presenciamos o nascimento da narrativa transmídia, que se trata de uma história contada por meio de múltiplas mídias, sendo que cada um dos meios de comunicação fica responsável por contar, da melhor forma possível, parte da história. Ou seja, é uma história que usa o cinema para contar o primeiro capítulo, quadrinhos para apresentar o segundo, games para o terceiro, rádio para o quarto e assim por diante. Para Tavares (2009), essa seria mais um tipo de novidade “pois a transmídia, no mundo dos computadores e dos celulares conectados à Internet, reflete o crescimento da consciência que temos de que tudo está conectado e pode ser rapidamente movido de um ponto para outro [...]”.

Assim, presenciamos a invasão das tecnologias no cotidiano das pessoas, mudando a rotina, o comportamento e que sofre também mutações conforme seu uso. Por isso a importância do processo de letramento digital, para o que o sujeito possa atuar de forma crítica, como cidadão de seu tempo.

⁸ É provável que as próximas gerações de leitores digitais tenham acesso à internet e, com isso, favoreçam práticas de leitura e escrita mais interativas.

No caso dos direitos autorais, as publicações eletrônicas não podem ser comercializadas como ocorre no mundo impresso. Exige-se bastante reflexão para alcançar a melhor maneira de preservar o direito do autor e também o direito do homem de conhecer e se apossar da sua cultura.

Todas essas questões fazem com que muitos autores consagrados mantenham-se afastados do mercado digital, pois já estão acostumados com o sistema conservador atual, sintonizado com as novas possibilidades criadas pela revolução das editoras tradicionais e cedem a pressão e persuasão destas. Autores mais jovens e menos conhecidos, por sua vez, buscam no formato digital a solução para os problemas de divulgação de suas ideias, estando assim mais suscetíveis a adoção do formato. Pouco a pouco todos irão acabar percebendo as vantagens que a versão digital oferece.

A pesquisa revela ainda que em relação ao fim de livro impresso muitos vêem a substituição pelo digital como um processo de desenvolvimento natural, assim como as máquinas fotográficas analógicas foram substituídas pelas digitais; os discos de vinil pelo CD e mp3; o videocassete pelo DVD etc. As informações, conhecimentos e produtos culturais estão cada vez mais se concentrando no espaço virtual.

Com o estudo é possível concluir que o digital não surgiu para substituir o impresso. O que de fato temos são novas formas de comunicação, de construção e compartilhamento do conhecimento que implicam em novas maneiras de categorizar o mundo, com novos processos cognitivos. Ocorre neste contexto a necessidade dos processos de formação cada vez mais se concentrarem no aprender a aprender, para formar indivíduos pensantes, com capacidade para ascender às novas exigências que o mundo lhes impor.

Cada formato possui suas especificidades. O importante é explorar todas as possibilidades de vantagens que cada um pode oferecer. Caberá ao leitor, de acordo com o seu contexto, escolher a maneira mais adequada de realizar sua escrita/leitura. Um suporte não determina o fim do outro.

É provável que nas próximas décadas iremos conviver com vários suportes e, do ponto de vista de enfoque da educação, que juntos irão

multiplicar experiências de variados gêneros narrativos. O importante é ampliar o acesso e o gosto pela leitura e pela escrita.

Teremos a coexistência dos dois instrumentos de representação do conhecimento humano por longos e longos anos. O que precisamos desconstruir são os vários valores associados ao livro impresso, e pensar principalmente no fator conteúdo, informação, acesso e difusão do conhecimento.

Com relação a este tema, são inúmeros os questionamentos e reflexões, o que favorecem outras e mais profundas pesquisas. Esse é um campo amplo de estudo sobre as tecnologias e sobre os novos gêneros digitais. É preciso muito estudo e pesquisa para que possamos compreender e atuar de maneira competente, criativa e entusiasmada nesse universo das sociedades hiperconectadas.

REFERÊNCIAS:

AGUIAR, Vicente. **Software Livre e inclusão digital**: estratégias para o desenvolvimento sustentável na era da informação. 2009. Disponível em <<http://softwarelivre.org/vicente/textosoftwarelivreinclusaodigital.pdf>> Acesso em 10/11/2009.

AQUINO, Magno Geraldo de. Texto digitalizado ou rolo tecnológico? **Akrópolis, Umuarama**, v. 15, n. 3, p. 153-158, jul./set. 2007. Disponível em <<http://revistas.unipar.br/akropolis/article/viewFile/1939/1687>> Acesso em 20/09/2009.

BONNILA, Maria Helena Silveira. ASSIS, Alessandra. Tecnologias e novas educações. **Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 14, n. 23, jan./jun., 2005, p. 13 -25.

BRANCO, Marcelo D'Elia. Software livre. In:_____. AMBROSI, Alain. PEUGEOT, Valérie. PIMENTA, Daniel. (Orgs.). **Desafios de Palavras: Enfoques Multiculturais sobre as Sociedades da Informação. C & F Éditions**. 2005.

BUZATO, Marcelo El Khouri. **Entre a Fronteira e a Periferia**: linguagem e letramento na inclusão digital. Tese de doutorado, Campinas, 2007.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 617 p. (A era da informação: economia, sociedade e cultura)

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____. Do Códice ao monitor: a trajetória do escrito. **Estudos Avançados**, v. 8, n. 21, 1994. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v8n21/12.pdf>> Acesso em 22/08/2008.

_____. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun. São Paulo: UNESP, 1998.

COSCARELLI, C. V. **Leitura em ambiente multimídia e a produção de inferências**. In:_____. GUIMARÃES, Ângelo de M. (Ed.) Anais do VII Simpósio Brasileiro de Informática na Educação. Belo Horizonte: DCC/UFMG, nov. 1996.

_____. Espaços hipertextuais. II Encontro Internacional Linguagem, Cultura e Cognição: reflexões para o ensino. Belo Horizonte: DCC/UFMG, jul. 2003 Disponível em: <http://bbs.metalink.com.br/~lcoscarelli/Espacoshtpx.doc>. Acesso: 08 de ago. 2009.

_____. Entre textos e hipertextos In:_____. COSCARELLI, Carla Viana. **Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar**./Carla Viana Coscarelli, org. Belo Horizonte: Autêntica, 2002, p.144.

COSTA, Sergio, Roberto. (Hiper) textos ciberespaciais: mutações do/no ler-escrever. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 25, n° 65, p. 102 – 116. jan./abr. 2005. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n65/a08v2565.pdf>> Acesso em 10/06/2009.

COSTA, Fábio Emílio. Prefácio da versão brasileira. In.:_____ LESSIG. Lawrence. *Cultura Livre: como a mídia usa a tecnologia e a lei para barrar a criação cultural e controlar a criatividade*. Tradução de Fábio Emílio Costa, 2004. Disponível em: <http://bardo.castelodotempo.com/files/public/culturalivre.pdf>

ENGELS, Frederich. ***O Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem***. Escrito em: 1876. 1ª Edição: Neue Zeit, 1896. Origem da presente transcrição: edição soviética de 1952, de acordo com o manuscrito, em alemão. Traduzido do espanhol. Transcrição cedida por "[O Vermelho](#)" para [Marxists Internet Archive](#), 2004. Disponível em <<http://www.marxists.org/portugues/marx/1876/mes/macaco.htm>>

ESPILOTRO. Sanda Ferro. In:_____. FERRARI, Bruno. DEODATO, Livia. PEREIRA, Rafael. Um livro que não acaba: como a chegada do Kindle ao Brasil pode transformar para sempre o modo como nós lemos. **Revista ÉPOCA** – 22 de out. 2009. Disponível em< <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI97883-15228,00-UM+LIVRO+QUE+NAO+ACABA.html>> Acesso: 30/10/2009.

FACHINETTO, Eliane Arbusti. O Hipertexto e as práticas de leitura. **REVISTA LETRA MAGNA**. Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura - Ano 02- n.03 – 2005.

FERRARI, Bruno. DEODATO, Livia. PEREIRA, Rafael. Um livro que não acaba: como a chegada do Kindle ao Brasil pode transformar para sempre o modo como nós lemos. **Revista ÉPOCA** – 22 de out. 2009. Disponível em <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI97883-15228,00-UM+LIVRO+QUE+NAO+ACABA.html>> Acesso em 30/10/2009

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se complementam. São Paulo: Autores Associados: Cortez (Coleção polêmicas do nosso tempo, 4), 1989.

_____. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991, p. 144.

GADOTTI, Moacir. PAULO, Freire. GUIMARÃES, Sérgio. *Pedagogia: diálogo e conflito*. 4º ed. São Paulo: Cortez, 1995.

GADOTTI, Moacir. **Alfabetização e letramento:** como negar nossa história. Porto Alegre 2005. Disponível em <<http://www.paulofreire.org/twiki/pub/Institucional/MoacirGadottiArtigosIt0004/Alab Letramento 2005.pdf>>

GIRON, Luís Antônio. [O kindle e a fome... de ler](http://giron.blogspot.com/2009/10/o-kindle-e-fome-de-ler.html). 17 de out. de 2009. Disponível em <<http://giron.blogspot.com/2009/10/o-kindle-e-fome-de-ler.html>> Acesso em 30/10/2009.

GOUVEIA, Beatriz. ORENSZTEJN, Miriam. Alfabetizar em contextos de letramento. In:_____. **Práticas de leitura e escrita**. CARVALHO, Maria Angélica Freire de. MENDONÇA, Rosa Helena. (orgs.). Brasília: Ministério da Educação, 2006, p.180.

KARCHMER, R. A. The journey Ahead: thirteen teachers report how the internet influences literacy and literacy instruction in their k-classrooms. In:_____. RUDELL, R.B., UNRAU, N. J. (Org.). **Theoretical models and processes of reading**. Newark: International Reading Association. 5. Ed. Artigos Suplementares. CD-ROM, 2004.

KATO, Mary A. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolingüística**. 7° ed. São Paulo: Editora Ática (Série Fundamentos), 1986.

KLEIMAN, Angela B. (Org.) **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999. 294p. (Coleção Letramento, Educação e Sociedade)

_____. **Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola**. In:_____. KLEIMAN, Angela B. (Org.). Os significados do letramento. Campinas, S.P.: Mercado de Letras, 1995, p 15-61.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: editora 34, 1999.

_____. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. **As tecnologias da inteligência**. O futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: 34,1993.

_____. A revolução contemporânea em matéria de comunicação. In.:_____. MARTINS, F. M.; SILVA, J. M (Org.). **Para navegar no século XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura**. 3. ed. Porto Alegre: Sulinas/Edipucrs, 2003. 280p.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula**. Linguagem & Ensino, v.4, n.1, p.79-111, 2001. Disponível em <http://rle.ucpel.tche.br/php/edicoes/v4n1/f_marcuschi.pdf> Acesso em 11/06/2009.

MENDES, Daniele Cristina. Novas tecnologias: novos professores? Novos saberes? **Revista E-hum** 2008. Disponível em <<http://site1.unibh.br/img/Marketing/revistas/dchla/include/getdoc.php?id=51&article=15&mode=pdf>> Acesso em 10/10/2009.

NEGROPONTE, Nicholas. **A vida digital**. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, 2.ed.

PARENTE, André. O hipertextual: para que serve um recém-nascido? **Revista FAMECOS** • Porto Alegre • nº 10 • junho 1999 • semestral. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3031/2309>>

PRETTO, Nelson de Luca. ASSIS, Alessandra. Cultura digital e educação: redes já! In: _____. PRETTO, Nelson De Luca e SILVEIRA, Sérgio Amadeu (orgs.). **Além das redes de colaboração**: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 226.

PRIMO, Alex. Fase do desenvolvimento tecnológico e suas implicações nas formas de ser, conhecer, comunicar e produzir em sociedade In: _____. PRETTO, Nelson De Luca e SILVEIRA, Sérgio Amadeu (orgs.). **Além das redes de colaboração**: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 226.

RAMAL, Andrea Cecilia. **Educação na cibercultura**: hiperatividade, leitura, escrita e aprendizagem. Porto Alegre: ArTmed, 2002, p. 268.

RIBEIRO, Ana Elisa. Texto e leitura hipertextual: novos produtos, velhos processos. **Linguagem & Ensino**, v.9, n.2, p.15-32, jul./dez. 2006. Disponível em <<http://rle.ucpel.tche.br/php/edicoes/v9n2/01Ribeiro.pdf>> Acesso em 29/09/2008.

RIBEIRO, Márcia Maria. SAYED, Dorotéa Emília Ribeiro. O endereço eletrônico e as práticas de escrita na web: ampliando a aprendizagem da ortografia. In: _____. ARAUJO, Júlio César. DIEB, Messias. (orgs.). **Letramentos na web**: gêneros, interação e ensino. Fortaleza: Edições UFC, 2009, p. 287.

RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). **Letramento no Brasil**: reflexões a partir do INAF 2001. São Paulo: Global, 2004.

RODRIGUES, Jeorgina Gentil. Da “Galáxia de Gutenberg” ao ciberespaço: do livro impresso ao eletrônico. In: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, 19, 2000, Porto Alegre. **Proceedings**. Porto Alegre: Centro de Eventos da PUC-RS. Disponível em <<http://dici.ibict.br/archive/00000750/01/T091.pdf>> Acesso em 20/01/2008.

SANTAELLA, L. **A leitura fora do livro**. Disponível em <<http://roteirodemultimidia.files.wordpress.com/2009/08/a-leitura-fora-do-livro-santaella.doc>>

SCHMAR-DOBLER, E. **Reading on the internet**: The link btween literacy and technology. Journal of adolescent & adult literacy, v. 47, n.1, setembro de 2003.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Leitura no mundo virtual: alguns problemas. In: _____. SILVA, Ezequiel Theodoro da. FREIRE, Fernanda M.P. ALMEIDA Rubens Queiroz de. AMARAL, Sergio Ferreira do (coord.). **A leitura nos oceanos da internet**. São Paulo: Cortez, 2003.

SILVA, Francisca Monica da. LIMA, João Paulo Eufrazio de. ARAÚJO, Júlio César. Links entre mediação pedagógica, letramento digital e hipertextualidade em EAD. In: _____. ARAÚJO, Júlio César. DIEB, Messias. (orgs.). **Letramentos na Web: gêneros, interação e ensino**. Fortaleza: edições UFC, 2009, p. 287.

SILVA, Giana Mara Seniski. BUFREM, Leilah Santiago. **Livro Eletrônico: a evolução de uma idéia**. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação – Campo Grande /MS – setembro 2001. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP4BUFREM.pdf>> Acesso em 25/01/2008.

SILVA, Luiz Otávio Maciel Da. **O Livro eletrônico: Mudando Paradigmas**. Disponível em <<http://www.sibi.ufrj.br/snbu/snbu2002/oralpdf/78.a.pdf>> Acesso em 25/05/2009.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu. **Exclusão Digital: a miséria na era da informação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2º reimpressão, 2005.

SMITH, Frank. **Leitura Significativa**. 3º ed. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda., 1999.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SOARES, Magda. Letramento e escolarização. In: _____. RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). **Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001**. 2º edição, São Paulo: Global, 2004.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, n°25. 2004, Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>>

SOARES, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura**. Educação e Sociedade, Campinas, v.23, n.31, p. 143-160, dez. 2002.

SOUZA, Valeska Virgínia Soares. **Letramento digital contextualizado: uma experiência na formação continuada de professores**. Universidade Federal de Uberlândia, tese de mestrado, 2007.

TAKAKI, Nara Hiroko. **Letramento na sociedade digital**: navegar é, e não é preciso. São Paulo, tese de doutorado, 2008.

TAVARES, Marcus. **A nova história**. 2009. Disponível em <http://odia.terra.com.br/portal/conexaoleitor/html/2009/9/marcus_tavares_a_nova_historia_34652.html> Acesso em 05/10/2009.

TAVARES, Valéria Maria Cavalcanti. As novas exigências do letramento e a construção de um ambiente propício ao ensino da leitura. In:_____. ARAÚJO, Júlio César. DIEB, Messias. (orgs.). **Letramentos na Web**: gêneros, interação e ensino. Fortaleza: edições UFC, 2009, p.287.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização**. 2º. ed. São Paulo: Cortez, 1997. (Coleção Questões da Nossa Época; v.47).

XAVIER, Antonio Carlos dos Santos. **LETRAMENTO DIGITAL E ENSINO**. Disponível em <<http://www.ufpe.br/nehete/artigos/Letramento%20digital%20e%20ensino.pdf>>

ANEXOS

LISTA DE FIGURAS:

Figura 1 (p. 34) - Figura extraída do livro (RAMAL, 2002, pp. 210-211)

Figura 2 (p. 34) - Figura extraída do livro (RAMAL, 2002, pp. 210-211)

Figura 3 (p.35)- Figura extraída do livro (RAMAL, 2002, p. 211)

Figura 4 (p.36) - Imagem disponível em <<http://softwarelivre.org/vicente>>

Figura 5 (p.46) - Imagem disponível em <<http://colunas.epocanegocios.globo.com/tecneira/tag/kindle/>>

Figura 6 (p.47) - Imagem disponível em <<http://www.baixaki.com.br/info/2557-leitores-digitais-conheca-mais-sobre-esses-aparelhos.htm>>

Figura 7 (p.49) - Imagem disponível em <<http://www.baixaki.com.br/info/2557-leitores-digitais-conheca-mais-sobre-esses-aparelhos.htm>>

Figura 8 (p.50) - Imagem disponível em <<http://colunas.epocanegocios.globo.com/tecneira/tag/kindle/> >

APRESENTAÇÃO: A pesquisa tem como principal objetivo investigar hábitos e práticas de leitura/escrita de livros/textos em versão eletrônica por componentes do GEC - Grupo de Pesquisa em Educação, Comunicação e Tecnologias. A análise faz parte de um estudo sobre "Letramento Digital", proposto na elaboração monográfica, requisito avaliativo final para conclusão do curso de Pedagogia pela Universidade Federal da Bahia, orientada pelo professor Edvaldo Souza Couto. Para a realização da pesquisa necessitamos da sua colaboração respondendo o questionário até o dia 28/09/009. Ao responder solicito que reenvie para meu email. Aguardo sua valiosa contribuição e, desde já, agradeço a sua participação.

Marildes Caldeira – marildes.ufba@yahoo.com.br

		2. Habilitação		
1. () Masculino	2. () Feminino	1. () Graduação	2. () Mestrado	3. () Doutorado

3. Fora o computador, com que outras máquinas eletrônicas você lida no seu dia-a-dia?		4. Onde você costuma usar o computador?
1. () Fliperamas	7. () Caixas eletrônicos de banco	1. () Em casa
2. () Aparelhos de som	8. () Aparelhos de microondas	2. () No trabalho
3. () CD Player	9. () Telefone celular	3. () Na Faculdade
4. () MP3	10. () Catracas e sistemas de controle	4. () Na Lan House
5. () MP4	11. () Máquinas que vendem cafés, salgadinhos, refrigerantes etc.	5. () Outros : _____
6. () MP5	12. () Outras: _____	_____

4. Você considera que ao ingressar no grupo de pesquisa (GEC) ampliou seus usos das tecnologias?	
1. () Sim	Justifique?
2. () Não	_____

5. Você se considera uma pessoa que tem o "hábito de ler"?	
1. () Sim	Justifique:
2. () Não	_____

6. Com quais tipos de material escrito você lida no seu dia-a-dia?	

7. Você costuma ler notícias, jornais, revistas na Internet? Quais e com que frequência?	

8. Quando encontra um livro/texto do seu interesse, disponível em algum site, você:	
1. () Costuma ler diretamente na tela do computador.	
2. () Baixa para sua máquina e deixa pra ler oportunamente na tela.	
3. () Imprime para facilitar a leitura e possuir a versão material do documento.	
Comente:	

9. O que mais lhe chama atenção numa página, na hora da leitura virtual:	
1. () Um link	Comente:
2. () Uma imagem	
1. () Tamanhos das letras	
4. Outros: _____ _____	

10. Ao realizar sua leitura digital, você busca lê de modo linear, utilizando-se da prática de leitura impressa, ou seja, da esquerda para direita e de cima para baixo ou acessa links, pula páginas, ver um vídeo, mergulha nas infinitas possibilidades interativas do espaço virtual? Justifique.	

11. Que outras habilidades você considera que precisou desenvolver para sua leitura em tela, diferentemente da leitura de impressos?	

12. Você leu algum livro digital nos últimos três meses?	
1. () Sim	Se SIM, qual?
2. () Não	

13. Quais atividades e em que ambientes você gosta de ler/escrever na Internet?	

14. Você considera a leitura/escrita virtual importante para a sua formação?	
1. () Sim	Por quê?
2. () Não	

15. Você encontra dificuldades na leitura/escrita apoiada por suportes eletrônicos?	
1. () Sim	Se SIM, qual (is)? Comente:
2. () Não	

16. Você considera que passou a ler/escrever mais ao inserir-se no mundo da cibercultura?

17. Você costuma acessar bibliotecas virtuais?	
1. () Sim	Em caso afirmativo, comente sua experiência:
2. () Não	

18. Aponte vantagens e desvantagens da leitura/escrita apoiada por suportes eletrônicos?	
Vantagens:	Desvantagens

19. Em que medida a leitura/escrita em suporte digital contribui com a sua pesquisa?

20. Esse envolvimento com os livros/textos digitais reflete na sua atuação pedagógica?	
1. () Sim	Se SIM, como?
2. () Não	

21. De que forma a leitura/escrita teclada e hipertextual, não linear, pode questionar e modificar as atuais práticas de formação docente?

22. Você possui experiência em produção coletiva/colaborativa de livro/texto em formato digital?	
1. () Sim	Comente:
2. () Não	

23. Você já publicou livros/textos em algum site (editoras/revistas/jornais/blogs) na internet?	
1. () Sim	Se SIM, como avalia essa experiência? A publicação na rede divulga mais o seu trabalho? Comente:
2. () Não	

24. Ao disponibilizar o livro/texto em formato digital geralmente o autor não obtém lucro financeiro, porém consegue atingir um grande número de leitores. Qual a sua opinião sobre essa alternativa de difusão do conhecimento?	

25. Você considera que os indivíduos que apresentam histórico consistente de leitura de impressos, altamente letrados na cultura grafocêntrica, não terá dificuldades na leitura/escrita digital?	

26. Você conhece/usa algum aparelho leitor de livro eletrônico?	
1. () Sim	Se SIM, qual (is)?
2. () Não	

27. Você acredita que no futuro só haverá livros/textos eletrônicos?	
1. () Sim	Comente:
2. () Não	